

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA E
LITERATURAS ESPANHOLA E HISPANO-AMERICANA

Silvany Chong Reis Don Fai

Uma aproximação dos marcadores
hacerse e *ponerse* na língua espanhola
à luz da Teoria das Operações Enunciativas

São Paulo
2008

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA E
LITERATURAS ESPANHOLA E HISPANO-AMERICANA

Uma aproximação dos marcadores
hacerse e ponerse na língua espanhola
à luz da Teoria das Operações Enunciativas

Silvany Chong Reis Don Fai

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-graduação em Língua Espanhola e
Literaturas Espanhola e Hispano-americana do
Departamento de Letras Moderna da
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo, para a
obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. María Teresa Celada

São Paulo
2008

A minha família.

Agradecimentos

A minha orientadora, Professora Dra. María Teresa Celada, que além de orientar-me, soube como ninguém respeitar os meus processos em cada uma das etapas deste trabalho, apoiando-me, ensinando-me e doando-se no processo de orientação.

Aos professores da Banca de Qualificação, Profa. Dra. Consuelo Alfaro Lagorio e Prof. Dr. Adrián Pablo Fanjul que contribuíram com intervenções muito importantes para o desenvolvimento desta pesquisa.

À professora Dra. Adriana Zavaglia, pela co-orientação, a ajuda e o convite para participar do grupo de estudos sobre a Teoria das Operações Enunciativas de Antoine Culioli.

À Professora Dra. Stella Esther Ortweiler Tagnin pelas indicações sobre Lingüística de Corpus.

Resumo

Com base em alguns dos conceitos da Teoria das Operações Enunciativas desenvolvemos a análise de enunciados com *hacerse* e *ponerse* da língua espanhola como marcadores. Nossa análise volta-se para a identificação de traços coincidentes e díspares de seus funcionamentos em suas relações predicativas. As quatro classes gramaticais estabelecidas por Antoine Culioli – determinação, modalidade, diátese e aspecto – orientam nossas reflexões quanto à aproximação à forma esquemática desses dois marcadores.

Palavras-chave: *hacerse*, *ponerse*, marcadores, forma esquemática, língua espanhola

Abstract

Based on some of the concepts of the *Théorie des Opérations Énonciatives*, we developed the analysis of enunciated with *hacerse* and *ponerse* of the Spanish language as markers. Our analysis turns toward the identification of coincident and divergent traces of their functioning in their predicative relations. The four grammatical classes established by Antoine Culioli - determination, modality, diathesis and aspect - guide our reflections in relation to the approach to the schematical form of these two markers.

Key-words: *hacerse*, *ponerse*, markers, schematical form, Spanish language.

Lista de Abreviaturas e símbolos

E/A = Ensino/Aprendizagem

ELE = Espanhol como Língua Estrangeira

P = Noção, interior da noção

P' = Noção complementar a P, e exterior a ela

PB = Português Brasileiro

QLT = Qualificação

QNT = Quantificação

T = Momento da enunciação (T_0)

t = momento do enunciado (T_1)

* = seqüência em princípio inaceitável

ε_0 = Termo de partida

ε_1 = Termo de chegada

/ / = indica que se trata de uma noção

< > = indica que se trata de um predicado ou de uma relação predicativa

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I	5
NOSSO RECORTE A PARTIR DA DESIGNAÇÃO <i>VERBOS DE CAMBIO</i>	5
1. Os verbos que denotam mudança de estado.....	5
2. Possíveis trilhas de trabalho	8
3. Nossas escolhas e determinações.....	16
CAPÍTULO II	19
HACERSE E PONERSE: MARCADORES NA TEORIA DAS OPERAÇÕES ENUNCIATIVAS	19
1. Nossa aproximação à Teoria	19
1.1. Os níveis de representação	20
1.2. Noção e Domínio Nocional.....	20
2. Uma aproximação à forma esquemática de <i>hacerse</i>	24
2.1. Determinação	26
2.2. Compacto, denso e discreto	35
3. Uma aproximação à forma esquemática de <i>ponerse</i>	39
3.1. Aspecto.....	46
3.2. Diátese	52
CAPÍTULO III	54
PONTOS EM COMUM E DEMARCAÇÕES ENTRE <i>HACERSE</i> E <i>PONERSE</i>	54
1. Modalidade.....	55
2. Diferentes modalidades.....	59
2.1. A asserção.....	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	71

INTRODUÇÃO

O nosso interesse pelo estudo dos funcionamentos dos verbos *ponerse* e *hacerse* do espanhol nasceu de uma série de reflexões em nossa trajetória como alunos brasileiros de espanhol e professores de espanhol como língua estrangeira (ELE) para brasileiros. Inicialmente, tal interesse se voltou para uma categoria, que nos materiais didáticos de ELE, aparece designada como *verbos de cambio*. Tais verbos são assim chamados por expressarem mudanças de estado, qualidade ou posição quando acompanhados de um atributo. Essa designação surge, então, num campo muito específico dos estudos do espanhol, fundamentalmente do contraste com outras línguas, para dar conta de uma série de verbos que, inclusive, no português poderiam ser designados por meio de uma espécie de rodeio: verbos de ligação que expressam mudança.

Ainda que nosso interesse por observar tais verbos tenha surgido em situações de ensino/aprendizagem (E/A) do espanhol para brasileiros – algumas das quais serão comentadas no corpo deste trabalho – nosso objetivo não será focalizar questões de ensino ou de aquisição. Nosso objetivo será, na verdade, tomar a perspectiva da Teoria das Operações Enunciativas de Culioli e abordar o funcionamento de alguns verbos: neste sentido devemos esclarecer que do conjunto das formas que neste trabalho – de acordo com as classificações que citaremos dos referidos instrumentos lingüísticos¹ – designaremos como *verbos de cambio*, estudaremos apenas *ponerse* e *hacerse*.

Esse recorte se dá, em primeiro lugar, por uma necessidade de delimitação do tema. E, em segundo lugar, pelo fato de acreditarmos que ao estudarmos apenas essas duas formas, poderemos fazê-lo de forma mais isenta do rótulo *verbos de cambio*, sem nos restringir ao “valor copulativo” de mudança, mas podendo também nos estender a outros valores que venham a ser relevantes para o entendimento geral de seus funcionamentos. Finalmente, também acreditamos que esse recorte possibilitará aprofundar-nos em questões que aparecem de forma superficial nos estudos realizados até hoje, os quais reforçam a caracterização de traços semelhantes e distintivos entre tais verbos (*ponerse* e *hacerse*) que nem sempre são muito claros.

¹ Ao falarmos de “instrumentos lingüísticos”, (cf. Aurox, 1992: 65) fazemos referência às gramáticas, dicionários e materiais didáticos para o ensino de ELE. Ao falar do processo de “gramatização” que se deu de forma massiva a partir do Renascimento, Aurox o caracteriza como “o processo que conduz a descrever e a instrumentar uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalingüístico: a gramática e o dicionário”. Ainda que o dicionário e a gramática apareçam como os autênticos instrumentos lingüísticos, consideramos também como instrumentos lingüísticos os materiais didáticos, por conterem em sua maioria, e guardadas as devidas proporções, um caráter descritivo da língua meta.

Com relação à estrutura de nosso trabalho, este possuirá um primeiro capítulo no qual apresentamos também um breve histórico dos caminhos que trilhamos para a elaboração desta pesquisa. Assumimos, nesse sentido, que esse capítulo tem nesta dissertação o sentido de uma justificativa e que ele não está marcado teoricamente. Há, neste sentido, uma postura indagatória sustentada, sobretudo, pelas questões que convoca uma experiência de prática docente.

Em seguida, no capítulo 2, apresentaremos um recorte dos conceitos da Teoria das Operações Enunciativas que serão suporte para nossa análise. Esclarecemos ainda que, pela complexidade da Teoria, nem todo o campo conceitual desta aparecerá neste trabalho. Uma segunda questão que influencia a forma da apresentação dos conceitos da Teoria baseia-se no fato de termos acesso à Teoria de forma fragmentada em diversos artigos do autor, em sua maioria em língua francesa, o que de certo modo exige uma postura que tente organizar esses conceitos de forma que fiquem descritos de modo claro o suficiente para que possam ser percebidas as relações que se estabelecem entre cada uma de suas partes.

Reforçamos que todos os conceitos apresentados são de Antoine Culioli, e a justificativa para que estejam em língua portuguesa baseia-se em nossas consultas a trabalhos desenvolvidos por pesquisadores desta Teoria que publicam em português. Tal opção também tem a ver com a complexidade da teoria, com seu modo de funcionamento, com as formas de desenvolvimento que tem atualmente no Brasil e, também, é preciso dizê-lo, por nossa relação com ela, marcada ainda por um conhecimento parcial.

Como referência para nosso embasamento teórico nos servimos de várias das obras desse lingüista, Culioli, que se encontram reunidas nos três volumes de *Pour une linguistique de l'énonciation* e, também, da leitura, da interpretação e, de alguma forma, da tradução que dessa teoria vem realizando um grupo de pesquisadores no Brasil. Referimo-nos, especificamente, ao grupo de pesquisadores formado pela Profa. Dra. Letícia Marcondes Rezende, docente da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Araraquara) a qual coordena atualmente dois grupos de estudos relacionados à Teoria de A. Culioli: "Articulação da linguagem com as línguas naturais" e "Articulação léxico e gramática e organização de domínios nocionais". Em verdade, para a realização de nosso trabalho, tivemos acesso a alguns textos dos pesquisadores que participam ou participaram dos grupos de estudo acima referidos e, sobretudo, à reflexão desenvolvida pela Profa. Dra. Adriana Zavaglia, que fez seu doutorado na referida Instituição e que atualmente é docente e pesquisadora da Universidade de São Paulo; sua tese e vários trabalhos serão fontes de citação nesta dissertação. Além disso, contribuíram também para nosso escopo teórico as questões relativas ao conceito de "modalidade" levantadas pela pesquisa de doutorado da

Profa. Dra. Janete dos Santos Bessa Neves da PUC-Rio e artigos escritos pela Profa. Dra. Clara Nunes Correia da Universidade Nova de Lisboa.

Ainda no segundo capítulo, analisaremos o funcionamento de *hacerse* a partir, como já dissemos, da Teoria das Operações Enunciativas. Neste capítulo nos deteremos no verbo *hacerse*, tomando como ponto de partida um dos enunciados apresentados no exercício de tradução que apresentamos em nosso capítulo 1, o qual se mostrará revelador para nossas reflexões a respeito do funcionamento de tal verbo. Em seguida, faremos a análise de *ponerse* na tentativa de descrever as várias nuances de seu funcionamento.

No terceiro capítulo, faremos comparações entre os funcionamentos de *hacerse* e *ponerse* – em especial dos enunciados em que aparecem *ponerse viejo* e *hacerse viejo* – na tentativa de diferenciá-los.

Com relação aos *corpora* de nosso trabalho, é preciso dizer que lançamos mão de um recorte heterogêneo: a propaganda em língua portuguesa apresentada no capítulo 1, o corpus virtual *Corpus del Español* e o site de buscas Google. Para justificar esse recorte, começamos por observar que a propaganda representa, para o conjunto da pesquisa, um elemento disparador para uma série de questões a serem trabalhadas sobre *ponerse* e *hacerse*. A identificação com tal texto se dá pela possibilidade que o mesmo nos mostra de trabalharmos com certa pluralidade de possíveis traduções, pluralidade esta, que tem relação com os matizes de interpretação e com o registro destas pelas marcas lingüísticas.

Os enunciados retirados do *Corpus del Español* são, em sua maioria, fragmentos de textos literários contemporâneos a partir de 1900. Para melhor apresentá-lo, citamos abaixo a descrição de tal *corpus* apresentada no site² pelos próprios elaboradores:

El «Corpus del Español» fue creado por Mark Davies, Profesor de Lingüística de Corpus en la Universidad de Brigham Young. El corpus fue financiado mediante una considerable subvención del Fondo Nacional Estadounidense US National Endowment for the Humanities (2001-02), y se ha beneficiado asimismo del generoso apoyo de la Universidad (Brigham Young University). El corpus se publicó en Internet en el año 2002. En el verano de 2007 se modificó ligeramente el corpus de textos, y se hizo un gran cambio en su interfaz y su estructura; la nueva versión fue puesta en línea en diciembre del mismo año.

Las principales fuentes de textos son las siguientes:

- Hispanic Seminary of Medieval Studies: textos de 1200 a 1500.
- Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes: textos de 1500 a 1900.
- ADMYTE: textos de 1200 a 1500.
- COMEDIAS.ORG: Comedias de la Edad de Oro (teatro)
- Encarta (Spanish): Enciclopedia (1900)

Se han incluido asimismo textos de otras fuentes, en menor cantidad.

Consideramos o *Corpus del Español* como uma fonte viável para este trabalho, por nos permitir um acesso eficiente a diversos textos, além da possibilidade de retomada de um

² www.corpusdelespanol.org

contexto mais amplo dos enunciados pesquisados, trazendo de forma rápida a referência completa das obras das quais foram extraídos.

Também no terceiro capítulo, recorremos ao *Google*, em primeiro lugar para fugirmos de exemplos forjados e sem segundo lugar pela agilidade de seus procedimentos de busca, o que nos possibilitou encontrar de forma rápida e em proporção significativa ocorrências similares que correspondessem à nossa necessidade. Em muitos casos, foi também possível retomar o contexto ampliado das ocorrências. É preciso esclarecer que *Corpus del Español*, com o qual vínhamos trabalhando, não nos fornecia quantidade significativa de ocorrências com *ponerse viejo* e *hacerse viejo*, fator que pesou em nossa decisão de utilizar o Google em nosso quarto capítulo.

Desta forma, assumimos a heterogeneidade de nosso *corpus*, por entendermos que não exista entre seus diversos componentes uma relação conflituosa e por enxergarmos que em cada momento de nossa análise conviria cada um deles.

CAPÍTULO I

NOSSO RECORTE A PARTIR DA DESIGNAÇÃO VERBOS DE CAMBIO

*Eu só domino a língua dos outros.
A minha faz de mim o que quiser.*
Karl Kraus³

Para designar o objeto sobre o qual faremos, ainda neste capítulo, nosso recorte específico, partimos – como já dissemos na Introdução – da designação *verbos de cambio* para nos referir não só aos verbos *ponerse* e *hacerse*, mas também aos demais assim rotulados, a saber: *quedarse*, *volverse*, *tornarse*, *convertirse en*, *ponerse* e similares⁴.

A questão sobre a importância de estudarmos tais verbos cresceu à medida que fomos observando a dificuldade e a pouca frequência de sua ocorrência na produção dos alunos de ELE. Uma tendência que observávamos era a predominância de *quedarse* sobre as demais formas⁵.

A designação *verbos de cambio* aparece fundamentalmente em instrumentos lingüísticos ligados à prática de ensino de espanhol como língua estrangeira, como já mencionamos na Introdução. Por isso, no próximo item, tentaremos ver como essas formas aparecem designadas em trabalhos que realizam uma descrição gramatical e como um dos instrumentos lingüísticos ao qual fazemos referência retoma essas questões.

1. Os verbos que denotam mudança de estado

Do artigo de Demonte e Masullo (1999:2511) “La predicación: los componentes predicativos” incluído na *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, extraímos a seguinte citação:

³ Em “Aforismos lingüísticos”, do livro *A Arte do combate* de Marcelo Backes, São Paulo, Boi tempo Editorial, 2003.

⁴ Lembramos que freqüentemente, em alguns estudos e materiais didáticos, como Porroche Ballesteros (1988), aparecem atrelados a essa categoria, os verbos de mudança lexicalizados (ou adjetivais), como *madurar*, *anochecer*, *entristecer*, *engordar* e as perífrases que expressam mudança de estado ou qualidade, como: *llegar a ser*, *pasar a ser*, *llegar a estar*.

⁵ Correa (cf. 2006:7) analisa a preferência dos aprendizes brasileiros de espanhol por expressar a mudança de estado por meio de uma construção atributiva com a pseudo-cópula “quedar” como reflexo do procedimento sintático do português brasileiro, uma vez que a construção de atributo é típica expressão da mudança de estado nesta língua. Sobre este fato Correia ainda comenta que los aprendices: “demuestran, por medio de estas construcciones, que han dejado de incorporar ciertos procedimientos sintácticos esperados en la lengua meta, lo que se puede considerar como una evidencia desfavorable para los estudios que defienden que estructuras sintácticas de una lengua extranjera sí son adquiridas por aprehendientes adultos. Esta no-adquisición se refleja claramente en los conflictos semánticos y pragmáticos provenientes de la expresión de aspectos léxicos inesperados en los enunciados de la interlengua [...]” (2006:7-8).

Al igual que en otras lenguas, existe en español un conjunto de verbos cuyo contenido semántico es esencialmente aspectual, y que denotan cambio de estado o, a veces, de posición. Nos referimos a formas como *ponerse*, *volverse*, *quedarse*, *hacerse*, y similares, cuyo complemento predicativo especifica precisamente el cambio de estado o posición en cuestión:

- a. Julio *se puso* {*contento/de buen humor*} cuando se enteró de que había ganado una beca.
- b. Los secretarios *se ponen* {*de pie/tensos*} cada vez que entra el ministro.
- c. *Se quedó* {*sorprendido/de piedra*} con la decisión de su novia.
- d. Las circunstancias *se volvían* {*en nuestra contra/adversas*}.
- e. La situación *se ha tornado más espinosa* de lo que creíamos.

Algunos de los ejemplos precedentes nos indican, nuevamente, que el pseudo-copulativo y su complemento predicativo forman una unidad semántica o predicado complejo: *ponerse de pie/pararse* (América), *ponerse contento/alegre*, *quedarse sorprendido/sorprenderse*.

Antes de destacar os conceitos que é preciso que apresentemos neste item, gostaríamos de citar observações que Porroche Ballesteros introduz num trabalho dirigido ao ensino de espanhol para estrangeiros, pois nos permitem completar uma primeira aproximação ao nosso objeto. A estudiosa (cf.1988:127) explica que não há em espanhol um verbo que corresponda de um modo exato ao *devenir* francês, ao *diventare* italiano, ao *werden* alemão ou ao *become* inglês e que o espanhol, bem como diversas outras línguas, dispõe de diversos procedimentos (léxicos, morfológicos e sintáticos), para expressar a noção de mudança. A autora (ibidem) apresenta uma classificação dos recursos mais utilizados nessa língua para a expressão de tal noção: construções copulativas, nas quais aparecem os chamados *verbos de cambio* ou de *devenir* (*hacerse*, *volverse*, *ponerse*, *quedarse*, *convertirse en*, *trocarse* e *tornarse*), as perífrases verbais⁶ nas quais aparecem os verbos “ser” e “estar” (*llegar a ser*, *pasar a ser*, *venir a ser* e *pasar a estar*) e verbos derivados de substantivos e adjetivos, os ditos *verbos de cambio lexicalizados* ou adjetivais (*envejecer*, *adelgazar*, *anocheecer*, *madurar*, *entristecer*, entre outros).

A partir dessas descrições, o primeiro conceito que precisamos retomar é o que se refere à classificação dos *verbos de cambio* como **copulativos** ou **pseudo-copulativos**. Enquanto Porroche Ballesteros toma a primeira classificação, mais ampla, Demonte e Masullo (cf. 1999:2511), adotam a segunda, que também aparece em Fernández Leborans (cf. 1999:2361) em seu artigo da *Gramática Descriptiva de la Lengua Española* intitulado “La predicación: las oraciones predicativas”, no qual diz que tais verbos são considerados como verbos pseudo-copulativos, por entender que os autênticos copulativos são os verbos *ser*, *estar* e *parecer*, os quais sempre vão acompanhados de um predicativo que pode ser substituído por um *lo* (*Es ágil. – Lo es*). Fernández Leborans (ibidem) destaca que os verbos pseudo-copulativos, ainda que também exijam a presença de um predicativo, não admitem a

⁶ Uma perífrase verbal é formada por, pelo menos, dois verbos morfológicos que constituem sintaticamente um só núcleo verbal. O primeiro verbo é um simples auxiliar e o segundo deve aparecer no infinitivo, gerúndio ou particípio, e possuir pleno caráter verbal sem os valores respectivos de nome, advérbio e adjetivo, que são inerentes a tais formas não pessoais (cf. Gomez Torrego, L. 1988:18).

substituição deste por *lo* (*Se puso contento – *Se lo puso*). Idéia que a mesma autora (idem:2361-2362), a partir de Porroche Ballesteros⁷ (1990:21), completa ao dizer que:

No existe, al parecer, una razón que permita dar cuenta de la imposibilidad de conmutar el atributo por *lo* en las oraciones con verbos pseudocopulativos, o con los semicopulativos; presumiblemente, el uso frecuente de los pseudocopulativos como verbos léxicos, transitivos o intransitivos, es un factor determinante (*lo* como proforma del atributo podría suscitar ambigüedad o conflicto con el uso transitivo, o lectura extraña en relación con el uso intransitivo).

Discutindo sobre a classificação dos verbos copulativos e pseudo-copulativos, Fernández Leborans (1990:2362), citando a Roca Pons (1960:236) afirma que:

[...] existe una oposición gradual, en función de la carga semántica, entre copulativos y predicativos: *ser* es el término negativo de la oposición (no es más que un vínculo entre el sujeto y el tributo, sin contenido semántico alguno) y los verbos exclusivamente predicativos se situarían en el extremo positivo de la escala – los pseudocopulativos estarían gradualmente más próximos de *ser* y los semicopulativos se acercarían, también gradualmente, a los predicativos puros.

A mesma autora considera ainda que os verbos predicativos sejam semanticamente plenos e expressam em geral, ação e processo (idem:2361). E como não está totalmente esclarecida a questão da impossibilidade de comutação do atributo por *lo* em construções com verbos pseudo-copulativos, critério este que parece ser o mais forte quanto à caracterização de tal categoria de verbos, Fernández Leborans (cf. 1999:2362) adota a nomenclatura de “verbos copulativos”, em oposição aos verbos predicativos, como “denominación general aplicable a *ser* cópula y a los verbos pseudocopulativos”⁸. Portanto não está esclarecida a distinção entre os verbos copulativos e os pseudo-copulativos, questão que se apresenta como não resolvida entre os lingüistas⁹.

De nossa perspectiva, o que as discussões supracitadas podem dirimir é o fato de não se observar a idéia de ação ou processo na descrição dos verbos de ligação, ou copulativos, o que não parece corresponder exatamente a todas as ocorrências em que aparecem esses verbos que vinculamos (por uma tradição mais marcada por uma prática de

⁷ Porroche Ballesteros, M. (1990) *Aspectos de la atribución en español*, Zaragoza, Libros Pórtico.

⁸ Ainda segundo esse autor (cf. idem:2361), os verbos copulativos distinguem-se, para os gramáticos tradicionais (Lenz 1920:69, Alonso y Henríquez 1938:84, Gili Gaya s/d:58), semanticamente dos verbos predicativos ou léxicos. Aqueles seriam verbos vazios que servem para vincular o atributo com seu sujeito correspondente. Já os verbos predicativos seriam verbos plenos e intransitivos. Esclarecemos esta diferença conceitual pelo fato de encontrarmos outros pesquisadores (como Porroche Ballesteros, cuja observação citamos acima) que se referem aos *verbos de cambio* como verbos copulativos. Os verbos copulativos aparecem em oposição aos predicativos, tidos como verbos semanticamente plenos e expressam, em geral, ação ou processo (cf. ibidem). Como não é o nosso foco discutir os verbos predicativos, o comentário que fazemos é apenas um esclarecimento.

⁹ Acreditamos que o termo copulativo seja o mais adequado para referir-nos aos verbos com os quais trabalhamos por ser uma nomenclatura que aparece nas classificações das gramáticas do português e do espanhol – inclusive nos trabalhos que citamos – em relação com “ser” e “estar” (nas duas línguas). No português, inclusive, a classificação “verbos de ligação” e “verbos copulativos” são tomadas por Cunha (1993:130) como equivalentes: “Os verbos de ligação (ou copulativos) servem para estabelecer a união entre duas palavras ou expressões de caráter nominal”.

ensino que submete a língua ao contraste) à designação *verbos de cambio*, ou seja, mais que funcionar como mero elo entre um sujeito e um atributo, muitas vezes o verbo copulativo participa da noção de processo e ação que podem resultar de uma construção que expressa uma mudança. De certa forma, acreditamos que há uma marca processual, seja duradoura ou não, em certas mudanças ou transformações, sendo que em alguns momentos podemos encontrar marcas de uma agentividade que levam a crer na possibilidade de que o processo de mudança passa pela ação de um sujeito ou de uma causa e não só pela relação sujeito/atributo a partir de um verbo sem conteúdo semântico próprio, o qual serviria apenas de vínculo entre tais elementos.

Estas questões junto com as que surgirão de um trabalho de tradução de uma propaganda do português ao espanhol, nos levarão a tomar as decisões que detalharemos no próximo item e que retomaremos ao encerrar este capítulo. Na verdade, com a apresentação desse trabalho de tradução, só queremos mostrar os caminhos que nos permitirá traçar para recortar nosso objeto e, assim, podermos focalizar determinados aspectos que possam ser explorados de forma produtiva no espaço desta dissertação.

2. Possíveis trilhas de trabalho

Ao trabalharmos com a tradução¹⁰ de um texto publicitário do português para o espanhol, no qual aparecem muitas ocorrências do verbo “ficar”, percebemos de forma mais acentuada as nuances e valores que vêm agregados à noção de mudança (duração, agentividade, volição, reversibilidade), bem como certos desafios do trabalho de interpretação de cada um dos enunciados por parte do tradutor para garantir, na tarefa de traduzir ao espanhol, os efeitos de sentido do texto original. Vamos passar, então, a apresentar a referida propaganda.

Um casal de recém-casados está deitado em uma cama: olham-se, ela meio de bruços, apoiada sobre os cotovelos. Ele deitado de lado, virado para ela, apoiado sobre um só cotovelo e apoiando a cabeça na mão. Os dois estão lado a lado: ela ainda vestida de noiva, ele ainda com o fraque preto e a gravata borboleta do casamento. A câmera os enfoca de perto, às vezes apenas o rosto. Ela vai fazendo as perguntas, simulando uma cara meio preocupada (“e se eu ficar velha?”, etc.). Ele vai respondendo com tom de voz meigo, simulando também uma seriedade meio brincalhona.

¹⁰ Nosso trabalho não se propõe focalizar nem a tarefa de traduzir nem a problemática que esta representa, por isso reforçamos que o texto que apresentaremos a seguir funcionará apenas como um disparador para várias de nossas questões, compondo, desta forma, uma importante etapa no percurso de nossa pesquisa. A análise desta propaganda foi o resultado do trabalho final da disciplina “Contato, historicidade e proximidades entre português e espanhol. Diversos enfoques e perspectivas de pesquisa”, ministrada pelo Prof. Dr. Adrián Pablo Fanjul no Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana (FFLCH/USP) no 2º. Semestre de 2005.

- (1) - E se eu ficar velha?
- (2) - Eu fico também.
- (3) - Se eu ficar triste?
- (4) - Eu viro um palhaço.
- (5) - Se eu ficar chata?
- (6) - Eu te faço cócegas.
- (7) - Se eu ficar feia?
- (8) - Eu fico míope.
- (9) - Se eu ficar gorda?
- (10) - Eu quebro o espelho.¹¹

No final, a recém-casada abre um sorriso e se encerra a propaganda com o *slogan*: Seguros Bradesco - cuidando sempre de você.

O estudo desse texto nos conduz, num primeiro momento, à questão da duração da mudança e nos interessa para observarmos os graus de reversibilidade admitidos por cada enunciado e para caracterizarmos as mudanças como momentâneas, duradouras, gradativas, repentinas e processuais. Num segundo momento, a questão da diátese surge também como instrumento de análise dos graus de controle que o sujeito exerce sobre a mudança expressa no enunciado, isto é, se tal mudança se dá com sua participação ou de forma involuntária, além de podermos ver uma variação do grau de volição desse sujeito com relação ao processo de mudança, ou seja, em que medida é algo desejado e intencional.

É interessante notar também que o texto, além de ser pontuado por transformações apresentadas como hipotéticas, é também diversificado no âmbito dessas mudanças, que ora são de ordem física (ficar gorda, feia, míope, velha), ora emocional (ficar triste), ora comportamental (ficar chata). Em todos esses casos aparece, no português, a estrutura “ficar + atributo” e isso, no trabalho da tradução ao espanhol, nos levou a um esforço para considerar aspectos discutíveis que poderiam causar dúvidas na determinação de um verbo ou de outro para a expressão desses enunciados. Esse foi um ponto desafiante de nosso trabalho: identificar a adequação de cada verbo para cada um dos enunciados ou ainda, a identificação de um verbo que fosse capaz de suportar todas as ocorrências analisadas.

Ao iniciarmos o trabalho de tradução, sentimos a necessidade de interpretar o texto em suas relações com o gênero, de forma que identificamos que se trata de um texto publicitário, marcado por um forte caráter lúdico e, quando dizemos isto, estamos pensando no “jogo” que se estabelece no diálogo do casal: uma brincadeira de perguntas e respostas, cuja primeira regra seria não deixar de responder a nenhuma das questões. As perguntas, na verdade, querem testar o outro “jogador”, pois se criam situações para as quais esse

¹¹ Texto da Propaganda do Banco Bradesco, veiculada na televisão brasileira no mês de agosto de 2001.

outro deve encontrar uma solução que satisfaça e não frustrate as expectativas de quem faz as perguntas.

Cria-se, portanto uma espécie de “flexibilidade”, das estruturas da língua que são submetidas a certa “violência” beirando o indizível, o que produz polissemia¹² e mais especificamente efeitos de sentido inusitados. Assim, as estruturas da língua são submetidas a certas coerções para poder dar conta desse jogo que descrevemos adiante. Vejamos, por exemplo, o enunciado em que a figura masculina diz “Eu fico míope” no caso de sua parceira “ficar feia”. O fragmento “eu fico míope” se compõe do verbo “ficar”, do seu atributo, seu sujeito, os morfemas de presente de indicativo e sua enunciação produz um efeito pelo qual aparece um “desvio” da diátese do verbo “ficar”, como se houvesse aí uma substituição da “passividade” pela “atividade”. Em nosso contexto social, a interpretação predominante coloca em relação o fato de ser portador ou não de uma deficiência visual como determinações físicas de um corpo, o que independe da vontade, decisão ou desejo do sujeito. No entanto, essa marca de diátese, a qual é suportada pela textualidade de nossa propaganda atende à necessidade por parte do sujeito de não frustrar as expectativas da sua interlocutora. As respostas têm o efeito de amparo e, antes de soarem como infantis e ingênuas, soam como um gesto de gentileza e de afeto, pois ofender ou desapontar a noiva seria fracassar no jogo que se estabeleceu entre os interlocutores. Esse jogo se sustenta na interlocução criada pelo *slogan* que serve de desfecho à propaganda: “Seguros Bradesco - cuidando sempre de você”, cujo efeito é inspirar confiança para aquele que quer contratar um seguro de vida.

Por fim, poderíamos dizer que esse jogo reproduz uma representação fortemente consolidada na sociedade na qual a propaganda foi veiculada: há uma posição “mulher”, mais passiva, que procura proteção, e uma posição “homem” ou “masculina”, que é mais ativa e assume a solicitação de proteção, provendo soluções e saídas. Estamos diante de sentidos fortemente cristalizados: a mulher é aquela que precisa de atenção, cuidados e pode demonstrar insegurança. O homem, por outro lado, é o detentor das respostas, é quem soluciona os problemas e protege, enfim; é a figura “estabilizadora”, para as situações adversas levantadas pela figura feminina. O que se está “testando”, portanto, são as ações do homem diante das situações propostas pela mulher. Inclusive podemos parafrasear as perguntas dessa interlocutora assim: “O que você faria se eu ficasse velha/gorda/triste?” O padrão estrutural que se estabelece é o seguinte: “se ocorrer x, eu faço y”.

¹² Segundo Orlandi, “o discurso lúdico é aquele em que o seu objeto se mantém presente enquanto tal, isto é, enquanto objeto, enquanto coisa, e os interlocutores se expõem a essa presença, resultando disso o que chamaríamos de polissemia aberta (o exagero é o *non-sense*)” (1983:9). Pensamos que esta propaganda, em vários momentos, está marcada pelo fato de chegar perto do limite com o *non-sense*, por isso, introduzimos a nota.

A mulher se coloca como vulnerável a uma série de situações negativas que hipoteticamente¹³ poderia atingi-la (ela não seria a agente do processo de envelhecer, entristecer, engordar, etc.), enquanto o homem deveria “agir” para que tais transformações não afetassem o então estado de harmonia e equilíbrio estabelecido entre eles. As ações do homem não evitariam as situações previstas pela mulher, mas serviriam de atenuadoras ou compensatórias, de modo a tornar seus efeitos menos “impactantes”. O objetivo é a manutenção desse momento de felicidade, em que a preservação dos sentimentos (a alegria, o querer-se bem) dos recém-casados sirva de garantia de um futuro feliz – com uma felicidade que não se deixa abalar pelos riscos enunciados a partir dessa posição de fragilidade que, como descrevemos, é levada ao extremo, ao limite. Os paralelos mulher/cliente e homem/seguradora, que já designamos, continuam produzindo efeitos.

Sentimos também que uma tradução dos enunciados do português para o espanhol só se faz efetiva se identificamos primeiro os valores que os verbos “ficar” e “virar” assumem no texto. Os efeitos mais perceptíveis que permeiam todos os enunciados com o verbo “ficar” são as idéias de mudança momentânea (“ficar triste”) e de mudança duradoura (“ficar chata/feia/gorda”) e de mudança definitiva (“ficar velha”)¹⁴. As relações predicativas que se estabelecem em cada caso pelo verbo “ficar” e seu atributo no texto são marcadas por diferentes graus de reversibilidade no que se refere ao resultado do processo ou ocorrência que expressam. No enunciado (3) “Se eu ficar triste?”, notamos que se trata de um estado momentâneo, pois não parece haver uma referência a uma mudança definitiva de caráter no qual o sujeito, em lugar de experimentar um momento de tristeza, se tornasse uma pessoa triste. Por outro lado, o fragmento “ficar velho” entra em relações de sentido com algo irreversível e inevitável, pois via de regra não ouvimos enunciados do tipo “quando eu era velha (...)”. No entanto, não podemos dizer que “ficar chata, feia ou gorda” são mudanças irreversíveis, ainda que tendam a ser duradouras¹⁵. As condições reconhecidas como anteriores à mudança se manifestam de forma sutil com o verbo “ficar” nos enunciados

¹³ Ainda que não estejamos fazendo uma análise exaustiva do texto, poderíamos observar que o jogo que se estabelece entre a mulher e o homem representa, com a distância que se produz, os serviços de seguro prestados pelos bancos que baseiam suas vendas exatamente na previsão de sinistros, ou seja, o cliente que adere a um serviço de seguridade desse tipo (seguro de vida) pensa em prevenir-se, para que no caso em que “o pior aconteça”, ele se veja amparado. O segurado e a seguradora trabalham com as idéias de hipótese, previsão, possibilidade e precaução.

¹⁴ Os enunciados que compõem o texto publicitário tecem um objetivo ou intencionalidade que irá constituir o tipo e estilo do texto, bem como seu efeito final. Notamos que não é o mesmo dizer “envelhecer” e “ficar velha”, “amadurecer” e “ficar maduro”, “enlouquecer” e “ficar louco”. Tal observação nos leva a constatar que geralmente só o enunciado completo nos permite indicar com mais precisão o valor de uma unidade semântica.

¹⁵ Não podemos esquecer que estamos trabalhando com uma propaganda na qual a diversidade de possíveis eventos fortalece a validade do produto anunciado. Seja uma eventualidade passageira ou não, o doador do seguro deve estar preparado para suprir a necessidade do cliente.

vistos, ou seja, o resultado da mudança é mais marcado do que a mudança propriamente dita.

Podemos afirmar então que o verbo “ficar” do português acompanhado de um adjetivo nos permite identificar diferentes graus de reversibilidade da mudança, além de marcar, em alguns casos, a idéia de gradação no processo de transformação o que é sustentado nos enunciados (1) “E se eu ficar velha?”, (5) “Se eu ficar chata?”, (7) “Se eu ficar feia?” (9) “Se eu ficar gorda?” e, talvez também no enunciado (3) “Se eu ficar triste?”, desde que se assuma a tristeza como uma alteração de qualidade e não de estado. O que os enunciados (1), (3), (5), (7) e (9) têm em comum é o fato de que o sujeito que recebe as ações não participa nessas transformações, sendo apenas afetado por essas mudanças?.

Uma tradução possível

- *¿Y si me pongo vieja?*
- *Yo también.*
- *¿Si me pongo triste?*
- *Me hago payaso.*
- *¿Si me pongo pesada?*
- *Te hago cosquillas.*
- *¿Si me pongo fea?*
- *Me vuelvo miope.*
- *¿Si me pongo gorda?*
- *Rompo el espejo.*

Apesar de aqui apresentarmos a tradução total do texto, nos deteremos nos quatro primeiros enunciados, com destaque especial para: (1) “E se eu ficar velha?” e (4) “Eu viro um palhaço”, devido ao fato de que suscitam reflexões produtivas para organizar nosso trabalho, e para que possamos introduzir os conceitos com os quais trabalharemos nossa análise adiante, nos capítulos 2 e 3.

“E se eu ficar velha?”

A partir de cada uma das propostas em espanhol indicadas como tradução do enunciado (1) “E se eu ficar velha?”¹⁶ analisaremos aspectos relevantes, na tentativa de justificar a propriedade ou impropriedade de cada uma delas com relação ao enunciado original.

- (1a) *¿Y si envejezco?*
- (1b) *¿Y si me vuelvo vieja?*
- (1c) *¿Y si me hago vieja?*
- (1d) *¿Y si me pongo vieja?*

¹⁶ Lembramos que as observações que fazemos referentes à versão em espanhol para (1) “E se eu ficar velha?”, são válidas também para as versões de (2) “Eu fico também”.

Inicialmente podemos descrever os efeitos de sentido do enunciado “E se eu ficar velha” como uma mudança gradual, progressiva, natural (por referir-se a um sujeito humano), involuntária, contínua e que prevê um sujeito paciente que passa por essa transformação¹⁷. A relação entre lugares sociais que se estabelece entre os interlocutores na propaganda e as posições que esses assumem na enunciação que analisamos nos permitem notar em (1a) a prevalência de uma forma lingüística que carrega uma marca que não se adequa à informalidade de um diálogo que se desenvolve na esfera íntima da alcova matrimonial¹⁸.

O enunciado (1b) “¿Y si me vuelvo vieja?” entra em relação de sentido com uma mudança de qualidade mais definitiva e que prevê um “sujeito que recebe a mudança”. Além disso, o verbo *volverse* enfatiza a mudança e conseqüentemente o contraste entre o antes e o depois da mudança.

Na propaganda em português, o fragmento “ficar velha” enfatiza a mudança em si e seu resultado, – ainda que não exclua a leitura do processo gradual do envelhecimento – o que é reforçado pelo período condicional, pois pela série de relações de sentido com as quais pode se vincular na cultura na qual a propaganda foi veiculada (“ficar velho”, “natureza humana”, “processo gradual e irremediável”, por exemplo), o fragmento “ficar velho” não poderia funcionar como parte de um enunciado hipotético por tratar-se de um processo inevitável para a natureza humana. Tal recurso, a construção na condicional com “ficar”, favorece o efeito de desafio e surpresa no jogo que se estabelece no texto, pois dizer “envelhecer” não admite o mesmo enfoque, quase repentino, que aquele que se pode admitir no enunciado “ficar velho”.

Com (1c) *¿Y si me hago vieja?* estamos diante de uma mudança que se prolonga no tempo e que expressa um estado resultativo, dando tanto a idéia de desenvolvimento quanto do ponto final ao que se chega e cuja causa, ainda que não esteja explícita no texto, pode ser dedutível¹⁹. Nessa enunciação da propaganda o processo de envelhecimento aparece

¹⁷ Quando trabalhamos com essas categorias ou propriedade expressas pelos enunciados com verbos copulativos de mudança, estamos nos baseando em Porroche Ballesteros (1988), em Pombo (2002) e nos materiais didáticos: *Matéria Prima, A fondo e Gramática del español paso a paso*.

¹⁸ Essa versão para o enunciado (1) “E se eu ficar velha?” só seria válida se o uso de um registro formal persistisse durante todo o texto, o qual poderia ser entendido como uma “estratégia” dentro do jogo que se estabelece entre o casal. Serviria, talvez, como uma espécie de deslocamento intencional do registro de forma a deixar uma marca de ironia ou colocar de forma mais marcada um tom de seriedade que estaria por trás dessa conversa. Algo similar ao que faz uma mãe ao repreender uma criança e o trata de “senhor”: “O senhor vá já pra cama”!

¹⁹ No caso de *hacerse*, concordamos com Pombo (2002:45) em que temos que ter em mente uma causa: (*¿Y si me hago vieja con el pasar de los años?*), mas na propaganda, essa preocupação não aparece destacada, pelo menos no nível do discurso do casal. A figura feminina não está preocupada com a causa do envelhecimento e sim com o resultado dessa mudança, o evento em si. A forma com *hacerse* permite freqüentemente interpretarmos a participação ativa e voluntária do sujeito no processo de transformação (cf. Porroche Ballesteros, 1988:136-137) – como em “*se hizo abogado*” – ou seja, estamos retomando o fator “causa”, que neste caso poderia ser a vontade do sujeito em passar por tal transformação. “¿Y si me hago vieja?” entra em confronto com “*hacerse abogado*”, levantando uma questão de diátese, o que pode ser conferido em Porroche Ballesteros (1988). A versão com *hacerse* para (1) seria contraditória a nossa afirmação

vinculado a uma preocupação com o resultado de tal processo. O medo que suscita a enunciação que interroga e que o coloca numa relação hipotética mediante o “se”.

Com (1d) “¿Y si me pongo vieja?” está marcada a presença de um sujeito receptivo, uma vez que o envelhecimento não se caracteriza como uma mudança voluntária. Em outras palavras, “me pongo vieja” deixa a marca de um processo, sem que haja participação ativa daquele que recebe a ação e cuja causa podemos deduzir contextualmente como sendo o passar do tempo. Porém, no enunciado (1d) a própria pergunta e a hipótese que a mesma propõe estabelecem mais uma vez a contradição, numa perspectiva que coloca o envelhecimento como “possível”, mas não “certo”. Fragmentos do tipo *ponerse* + adjetivo ou *ponerse* + participio, segundo Porroche Ballesteros (cf.1988:128-129), expressam mudança e estado e, quando considerados temporalmente, caracterizam um estado com relação ao qual o sujeito pode mudar novamente. Essa autora não descreve ocorrências com *ponerse* que o relacione a uma mudança definitiva ou duradoura, o que fica marcado em “*ponerse viejo*”²⁰, que não remete a um estado momentâneo e reversível, e sim ao contrário, contínuo, gradual, duradouro e irreversível. Tais sentidos parecem repetir-se nos enunciados abaixo, considerados possíveis, desde que uma causa para a mudança possa ser identificada:

Las páginas del libro se pusieron amarillas (com o passar do tempo)
El edificio se puso gris (por causa da poluição).

Por último, se por um lado intuímos que há uma freqüência maior²¹ de *ponerse viejo* em comparação ao uso de *volverse viejo*²²: como determinar o quanto essas duas formas são substituíveis entre si ou quando não podemos admitir uma pela outra? O que efetivamente diferenciaria *ponerse viejo* de *hacerse viejo* nos enunciados?

Passamos, agora, à descrição dos enunciados (3) e (4) do texto da propaganda.

E se eu ficar triste?

Neste enunciado da propaganda, “triste” parece entrar em relação com um estado momentâneo e não como a adoção de uma característica permanente. O enunciado “¿si

anterior em que colocávamos que o papel masculino apresentava-se como mais ativo, em detrimento do feminino, mais passivo.

²⁰ Na bibliografia consultada, encontramos referências a esse uso processual de *ponerse* apenas em Pombo (cf. 2002:45), a partir das incursões que a autora faz pela Gramática de Casos: receptivo, + animado, + processo, sem agente, com causa.

²¹ Em termos quantitativos fizemos uma busca no site Google e foram encontradas 2.690 ocorrências para *ponerse viejo* contra 15.500 para *hacerse viejo* e 1.330 para *volverse viejo*, em 26 de fevereiro de 2008. Além disso, encontramos o uso também consagrado na canção “Años” de Pablo Milanês: “*El tiempo pasa / nos vamos poniendo viejos*”.

²² Fazemos tal afirmação baseados em entrevistas orais com nativos da língua e numa consulta quantitativa ao www.corpusdelespanol.es. Neste último encontramos sete ocorrências de *ponerse* (incluindo suas formas flexionadas) acompanhados do adjetivo *viejo*. Por outro lado, encontramos apenas uma ocorrência de *volverse* acompanhado de *viejo*.

(*me*) *entristezco?*”, manteria esses sentidos, mas não se adequaria à informalidade de um diálogo de alcova, como já observamos acima com relação à tradução de “E se eu ficar velha?”.

Consideramos que a alternativa “¿*Si me pongo triste?*” seria a mais adequada, pois neste caso o fragmento destacado entraria em relação de sentido com uma mudança de estado momentânea, a qual seria passível de repetição e pressuporia uma causa. Trata-se de uma mudança involuntária, não gradual, passageira e que não afeta a essência do sujeito, enfatizando ao mesmo tempo o momento da mudança e seu resultado.

Eu viro um palhaço.

No verbete *virar*, extraído de um instrumento lingüístico, o *Dicionário Gramatical de Verbos de Português Contemporâneo*, encontramos na acepção 6:

Indica processo. [...] 6. Com sujeito paciente expresso por nome e com complemento expresso por nome, significa *tornar-se, transformar-se em: O homem virou lobisomem* (cf. Borba, 1997:1352).

Diferentemente do que aparece na definição acima na qual se prevê um sujeito paciente, o fragmento “virar palhaço”²³ do texto que analisamos admite que haja ação do sujeito no processo de mudança. Novamente, estamos diante do que decidimos denominar de “transgressão” de diátese – de acordo com a definição que Borba faz no dicionário – ou, também, poderíamos dizer que o construto do texto permite que tenhamos uma ocorrência de “virar” com marcas de agentividade.

A solução mágica para a tristeza repentina que poderia pôr em risco a felicidade do casal é a imagem simbólica de uma metáfora da alegria: o palhaço. A figura do palhaço corresponderia, pois, a anulação da tristeza e sua substituição pela alegria, pelo sorriso e pela graça. Como propostas de tradução apresentamos:

- (4a) *Me vuelvo payaso.*
- (4b) *Me convierto en un payaso.*
- (4c) *Me hago (un) payaso.*
- (4d) *Me hago el Payaso.*

Em (4a) estamos novamente diante de um funcionamento de *volverse* que enfatiza o momento da mudança, o “tornar-se algo” e também o resultado dessa mudança, versão que estaria muito próxima de (4b), sendo que o verbo *convertirse* não se adequaria tanto ao tom da cena, mais coloquial. Ainda que com substantivos se use normalmente a construção com

²³ No contexto da propaganda, também podemos detectar marcas de agentividade em “eu fico míope” e em “Eu fico (velho) também”.

convetirse en, o verbo *volverse* admite também substantivos, sendo que ambas as possibilidades de tradução marcam a aquisição de uma característica distintiva frente a outros de sua mesma espécie, logo não se caracteriza um estado com relação ao qual o sujeito possa mudar novamente. Sendo assim, nos parece que “*volverse payaso*” seria uma solução adequada para o caso de “*volverse triste*” ou “*ponerse triste*”, por ser uma mudança de qualidade e não um estado passageiro²⁴.

Se resgatarmos o papel agentivo do sujeito que passa por uma mudança expressa com o verbo *hacerse*, diríamos então que em (4c) “*Me hago payaso*”, na tentativa de solucionar a tristeza, temos um sujeito que se esforça e transforma-se em palhaço. Teríamos, pois a participação ativa, voluntária e intencionada do ente que sofre a transformação. Em (4d) a determinação “*el payaso*” traz outro sentido: não necessariamente tenho que interpretar que ele será sempre palhaço, mas que lançará mão desse recurso sempre que se vir diante da situação descrita no texto, a tristeza da esposa. Se ela “*se pone triste*”, ele “*se hace el payaso*”. Ou seja, ainda que ele não seja realmente um palhaço, imitará um ou fingirá sê-lo. Isso se dá pela presença do determinante, que nos leva a uma alteração de sentido do verbo que o distancia da noção de mudança e o aproxima da noção de fingimento. Ao tratarmos da questão da determinação, no item 2.1., retomaremos com mais detalhes essa observação sobre (4d).

Já as formas *hacerse* e *volverse* diferenciam-se principalmente porque a primeira admite a idéia de uma mudança gradual enquanto a segunda expressa apenas que se produziu uma mudança, o que fica bem claro nos seguintes exemplos:

Él se hizo rico (trabajando mucho).
Él se ha vuelto rico (le ha tocado la lotería).

Esta diferença também contribui a que preferamos a forma “*Me hago payaso*”, como tradução. De fato, esta forma reforçaria essa posição masculina, ativa, de que falamos ao interpretar o texto da propaganda.

3. Nossas escolhas e determinações

A série de questões que fomos levantando ao longo deste capítulo e, sobretudo no item 2, nos levam a trabalhar com a Teoria das Operações Enunciativas, como já

²⁴ Numa busca no site www.google.com, encontramos em foros de discussão de adolescentes hispano-falantes uma ocorrência que reforça a afirmação de que *volverse payaso* está mais relacionado às características que um palhaço tem enquanto tal e não apenas como um estado comportamental: “Al menos en Monterrey, existe la escuela de Pipo el rey de los payasos (www.pipoporsiempre.com). Acá en el deefe sólo puede uno **volverse payaso** por métodos autodidactas o involuntarios, o bien heredando la tradición de los hermanos Vázquez o de los Atayde que están cerca de ¡Buenavista Buenavista Buenavista!” (<http://gracias-no.blogspot.com/2005/10/las-cosas-se-estn-poniendo-extraas-me.html> em 09.01.2008).

antecipamos, pelo fato de ela prometer produtividade numa análise que pudesse levar em conta as categorias de diátese, modalidade, determinação e aspecto. Essa série de elementos que, na teoria de Culioli, se entrelaçam de forma complexa e rica parecem ser importantes para o estudo dos dois “marcadores”, *hacerse* e *ponerse*, foco de nosso estudo. Nesse sentido, vale à pena apresentar um quadro das características freqüentemente atribuídas a cada um deles²⁵, para que posteriormente tenhamos uma visão mais ampla do que a teoria nos permite observar além do que já foi sistematizado pelos instrumentos lingüísticos que tratam dos *verbos de cambio*.

Ponerse	<ul style="list-style-type: none"> • Mudança momentânea • Mudança involuntária • Mudança reversível • Mudança abrupta ou repentina • Ex.: <i>Cuando me vio llegar se puso blanca, me pidió que no la haga bajarse.</i> (in: Rodríguez Alcalá, Guido, <i>Curuzu Cadete: cuentos de ayer y de hoy</i>, Alicante, Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2000).
----------------	---

Hacerse	<ul style="list-style-type: none"> • Mudança duradoura • Mudança voluntária • Mudança menos reversível • Mudança gradual ou processual • Ex.: <i>Cuando se hizo experto en el uso y manejo de sus instrumentos, tuvo una noción del espacio que le permitió navegar por mares incógnitos [...].</i> (Gabriel García Márquez, <i>Cien años de soledad</i>: Humanities Research Center, Brigham Young University, Provo, UT.)
----------------	---

Essas características parecem, justamente, reforçar a idéia de que explorar *hacerse* e *ponerse* como marcadores, vinculando a análise de seus funcionamentos às mencionadas categorias pode ser realmente produtivo e pode trazer perspectivas novas sobre esses verbos. O próprio conceito de marcador é fundamental, porque permite colocar essas formas com todas aquelas com as quais pode chegar a se combinar e, por essa via, também consegue desvinculá-las da designação *verbos de cambio* ou da rotina descritiva que os relaciona com “a expressão da mudança”²⁶.

²⁵ A montagem destes quadros baseou-se em uma série de instrumentos lingüísticos vinculados a prática de ELE. Os principais materiais consultados foram: Porroche Ballesteros, Margarita. (1988) *Ser, estar e verbos de cambio*, Madrid, Arco Libros; Fanjul, Adrián. (2002) *Gramática de Español paso a paso*, São Paulo, Moderna; Coronado Gonzalez, M.L. (1996) *A fondo*, Madrid, Sgel; Coronado González, M.L. et. Alii (1996) *Materia Prima*, Madrid, Sgel. Esclarecemos que os enunciados citados como exemplos foram extraídos de www.corpusdelespanol.org, motivo pelo qual não há referência à paginação das obras citadas.

²⁶ Deixamos aqui registro de uma preocupação que não atendemos neste capítulo, a questão do pronome que aparece com os verbos que focalizamos. Não faremos um estudo particularizado do “se”, pois entendemos

Nosso interesse é investigar as categorias que aparecem associadas à noção de mudança, pois a observação desses dois verbos nos possibilita entrar em contato com uma série de aspectos que se entrelaçam na complexa composição da noção de mudança em oposição à de estabilidade. Sabemos, no entanto, que o estudo de *ponerse* e *hacerse* pode abrir-se também para outras noções; ou seja, não partimos da premissa exclusivista de que são verbos de mudança. Em suma, *ponerse* e *hacerse* são os marcadores lingüísticos que elegemos para orientar nosso percurso em direção à identificação dos rastros de operações de linguagem propostos por Culioli.

Para que fiquem mais claros quais são esses rastros e o vínculo que pretendemos estabelecer entre a Teoria das Operações Enunciativas e o nosso objeto de pesquisa será necessário que apresentemos, no próximo capítulo, alguns dos conceitos dessa Teoria.

ponerse e *hacerse* como marcadores, sem nos preocupar com diferenciações quanto às entradas léxicas apontadas nos dicionários, de acordo com a presença ou ausência do pronome.

CAPÍTULO II

HACERSE E PONERSE: MARCADORES NA TEORIA DAS OPERAÇÕES ENUNCIATIVAS

Faremos a apresentação de uma série de conceitos da Teoria das Operações Enunciativas, fundamentalmente, a partir da leitura dos trabalhos de duas estudiosas desta Teoria no Brasil: a tese de doutorado de Adriana Zavaglia – *Da invariância da linguagem à variância das línguas: contribuição para a elaboração de uma teoria enunciativa da tradução como um caso particular de paráfrase* (Araraquara, 2002) – e a de Janete dos Santos Bessa Neves – *Estudo semântico-enunciativo da modalidade em artigos de opinião* (PUC-Rio, 2006). À citação desses trabalhos, iremos entrelaçando a de outros autores, alguns dos quais já foram mencionados na Introdução a esta dissertação²⁷.

Retomando um esclarecimento que já fizemos nesta mesma Introdução, reafirmamos que a seqüência de apresentação da referida Teoria resultará de uma escolha baseada em dois critérios: o primeiro é o de apresentar os conceitos e, em seguida, já tentar vinculá-los à análise, pois isso nos isenta de nos servir dos enunciados como se fossem apenas uma amostra da aplicação dos conceitos; o segundo tem a ver com a maneira que encontramos de organizar a apresentação dos conceitos de forma recortada e gradativa, pois estes acabam por se entrelaçar e se complementar entre si, seria bastante complexo apresentá-los todos em um único capítulo introdutório. Com isso queremos dizer que, tal organização parece nos valer principalmente para apresentar os conceitos de forma selecionada e organizada de acordo com a necessidade que a análise vai requerendo. Por isso, na segmentação por itens deste capítulo iremos seguindo a seqüência que resulte na alternância e na combinação de teoria e análise.

1. Nossa aproximação à Teoria

A partir de agora, vamos marcar nossa entrada na Teoria das Operações Enunciativas de A. Culioli.

²⁷ Queremos deixar claro que em vários momentos não nos será possível citar a obra das quais foram extraídos os conceitos apresentados em Zavaglia (2002), uma vez que seu trabalho sintetiza e traduz os conceitos de Culioli a partir de várias de suas obras, sem identificá-las pontualmente.

1.1. Os níveis de representação

Zavaglia, citando Culioli, afirma que o teórico postula como objeto de sua teoria a “atividade de linguagem” ou “atividade linguagística”, a qual ele define como a capacidade humana de construção de representação, referenciação e regulação passível de ser vislumbrada por meio das línguas, pois “em sua relação com a lingüística [ela] é essa atividade que constrói a significação” (apud Zavaglia 2002:13) ²⁸. Ainda segundo Culioli, citado por Zavaglia, sendo de natureza cognitiva, a linguagem não diz respeito somente à língua, mas também a outras manifestações como os gestos, por isso os processos de construção e de reconhecimento de formas encontram-se na base da própria definição de linguagem proposta pelo mesmo autor (cf. *ibidem*).

Existem então, de acordo com a síntese apresentada por Zavaglia (cf. *idem*: 50), três níveis de representação da “atividade de linguagem”: o nível 1 das operações subjacentes, as quais escapam a nosso acesso e constituem propriamente a linguagem; o nível 2, ao qual temos acesso por meio da materialidade dos textos, em que as formas empíricas, os **marcadores**, registram a diversidade das línguas resultantes das operações do nível 1, permitindo-nos explicá-las; e o nível 3, metalingüístico, corresponde ao nível de intervenção do lingüista, a seu debruçar-se sobre as formas empíricas do nível 2 em busca dos rastros das operações do nível 1.

Consideramos, portanto, *ponerse* e *hacerse* como marcadores, e isso acarreta uma postura que observe a variedade das ocorrências com tais marcadores, já que, como bem coloca Neves, sempre que cada marcador lingüístico obedece a uma forma esquemática, que lhe determina as propriedades básicas, invariantes, mantém-se também uma plasticidade que permite ocorrências diversificadas (cf. 2006:88).

1.2. Noção e Domínio Nocial

Conforme aponta Zavaglia a partir de Culioli, no nível 1 ocorrem os processos de ajuste e regulação resultantes da constante interação entre enunciadores, do que decorrem as chamadas **noções** ou **representações mentais** e as **operações enunciativas** básicas. Lembramos que no nível 1 ou nível epilingüístico, que é inconsciente e ao qual o lingüista não tem acesso, se dariam as operações mentais, as relações entre as noções e as formas (cf. 2002:39).

²⁸ A citação de Culioli feita por Zavaglia corresponde à obra de 1976:7.

A mesma estudiosa, ainda com base em várias leituras de Culioli, explica que as **noções** são sistemas complexos de representação de propriedades físico-culturais, um reflexo do processo de representação, um sistema de representação; de forma que por uma palavra pode-se remeter a uma noção, mas não existe uma relação termo a termo, pois uma noção vai parcialmente aprisionada numa palavra. Zavaglia acrescenta que, para o teórico francês, a noção é uma forma que, dependendo das diferentes situações em que é captada, adquire diversas propriedades na enunciação e que tais propriedades, que serão identificadas e medidas quantitativa e qualitativamente²⁹, levam a certa invariância. No domínio nocional da noção existe uma **ocorrência-modelo**, ideal, que pode ser denominada de **centro organizador**, o qual conduz a uma noção culturalmente estabelecida. O domínio nocional da noção é subdividido em zonas, chamadas **interior**, **exterior** e **fronteira**: tudo o que está distante do centro organizador e encontra-se no exterior do domínio é denominado P'; assim, P é o que está no interior da noção e P' é o que está no exterior, numa relação de complementaridade. Essa relação de complementaridade não se dá por uma relação de ruptura, pois entre o exterior e o interior da noção existe uma fronteira³⁰.

Retomando os dois marcadores que constituem nosso objetivo específico – *ponerse e hacerse* – apresentamos os enunciados:

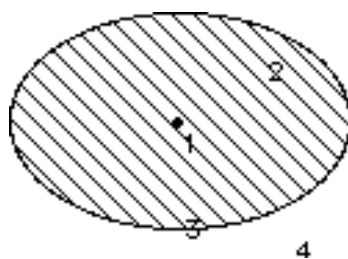
- (a) *Luisa se puso blanca con la noticia.* (Luiza ficou branca com a notícia)
- (b) *Juan se hizo experto en el tema.* (Juan se tornou especialista no tema)

Observamos que podemos estabelecer, além da noção de “brancura” e “especialização”, uma idéia de mudança que se dá pela construção de uma ocorrência em que se passa do estado de “não branca” para o de “branca” e de “não especialista” para a de “especialista”. Identificamos, portanto, a transposição de uma sit_0 para uma sit_1 . Essa passagem da sit_0 para sit_1 nos revela dois pontos que consideramos importantes em nossa análise. O primeiro diz respeito à noção de **mudança** em oposição à **estabilidade**, uma vez que notamos que houve uma passagem de uma situação para outra, que pode ser entendida como uma mudança de estado em (a) e de qualidade em (b). O movimento de entrada na nova noção deixa claro que existe uma questão de fronteira que pode ser representada graficamente, de acordo com a proposta de Clara Nunes Correia (s/d:5)³¹:

²⁹ Gradativamente faremos a introdução dos conceitos de quantitativo e qualitativo segundo Culioli.

³⁰ A série de definições que apresentamos aqui foi possível a partir do trabalho de Zavaglia (2002).

³¹ Como o trabalho dessa professora da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, no momento de conclusão deste trabalho, está para ser publicado no número 12 da Revista Veredas – Revista de Estudos Lingüísticos do Departamento de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora – não temos a data de publicação; por isso cada vez que fizermos referência a este trabalho, colocaremos a especificação s/d (sem data).



Para podermos exemplificar as diferentes áreas do domínio nocional a partir do enunciado (b), podemos ter os seguintes enunciados:

- Juan é o que se pode chamar de um especialista³² (1)
- Juan é um especialista (2)
- Juan não é propriamente um especialista (3)
- Juan não é um especialista (4)

A outra questão que vem à tona é a presença de um feixe de elementos que se complementam e co-ocorrem com a noção de mudança, o que não significa necessariamente que haja maior aproximação ou distanciamento com relação à idéia de mudança. Tanto em (a) *Luisa se puso blanca con la noticia* como em (b) *Juan se hizo experto en el tema* esta idéia está colocada, mas no primeiro uma nova mudança é iminente, – como veremos de forma mais profunda oportunamente – enquanto no segundo há uma tendência à estabilização. De nosso ponto de vista, essa questão revela-se intimamente ligada a questões de **ajuste** e **deformabilidade** (de acordo com definições que trabalharemos a seguir), na medida em que cada transformação se dá de modo diferente. Todas as ocorrências são, na realidade, deformabilidades, pois não há uma forma que podemos chamar de primitiva em termos de cognição, já que não temos acesso a ela. Sendo assim, todas as ocorrências são possibilidades distintas apesar de manterem um parecido entre si, o que nos permite compará-las e associá-las a um mesmo conjunto de ocorrências.

Fanjul, a partir de Culioli (1990:129), explica que *ajustement* – **ajuste** – resulta da interação dinâmica entre objetos que entram em relação nas operações enunciativas (cf. 2004:65). Ao sintetizar alguns dos conceitos de Culioli, Fanjul coloca que a relação fundamental, que se encontra entre objetos de todos os níveis da atividade de linguagem, como parte de um sistema referencial, é a **localização**, sendo que todo termo está numa

³² A formulação de tais enunciados faz referência à questão do atrator, que no gráfico aparece identificado como o ponto 1. A constituição do gradiente e a construção do alto grau estão intimamente relacionadas à organização do domínio nocional pelo atrator, por isso na manipulação do enunciado (b) que acabamos de apresentar, fazemos uma distribuição das áreas do domínio nocional que dependem do âmbito qualitativo, “cuja operação de qualificação consiste no seguinte: a noção qualifica a ocorrência abstrata representada pela unidade lingüística; ao se materializar na unidade, a noção atribui-lhe propriedades específicas” (Zavaglia, 2002:60). Lembramos que retomaremos a questão do atrator e do alto grau ao trabalharmos com as categorias do denso, compacto e discreto.

relação de complementaridade com outro termo (que pode ser ele mesmo) e que será o seu **localizador** em determinada relação; todo termo, por tanto, é localizado com relação a um termo primitivo, ou termo₀ e o sistema de co-locações em que está inserido cada termo é o que lhe faz adquirir seu valor (cf. ibidem, 2004:65).

Para falarmos em deformabilidade é necessário que antes discorramos sobre o conceito de **forma esquemática** ou **forma abstrata**, conceito que Zavaglia explica com base em Culioli como sendo uma configuração abstrata composta de parâmetros também abstratos cujas relações possíveis delineiam, ao mesmo tempo, a invariância da forma e sua deformabilidade (cf. idem:71).

Vejamos como é apresentada a relação entre deformabilidade e invariância em Zavaglia a partir de Culioli (2002:130):

Para que haja deformabilidade é preciso, portanto, que se tenha uma forma esquemática (de maneira que possa haver aí ao mesmo tempo modificação e invariância), que se tenham fatores de deformação e que se tenha uma margem de movimento, um espaço de ajustamento munido de propriedades topológicas (Zavaglia, 2002:71).

Segundo a estudiosa, os fatores de deformação, a margem de movimento e o espaço de ajustamento podem ser construídos com relação ao sistema de referência (com todas as relações lingüísticas) e às operações de quantificação e qualificação (cf. ibidem). Zavaglia ainda afirma que, de acordo com Culioli, para se realizar um trabalho sobre as formas textuais, não é necessário que seja exaustivo; o mais importante na Teoria das Operações Enunciativas é demonstrar a possibilidade, através de uma formalização que nos permita esquematizar a configuração invariante dos fenômenos linguagísticos e a plasticidade cambiante dos fenômenos lingüísticos³³, aparentemente dispartes, na direção da generalização; tal generalização se estabelece a partir da observação incisiva das ocorrências, pois só a partir delas podemos estabelecer o que de comum há em seu funcionamento (cf. idem:71). Sobre a captação da invariância Correia diz que:

Conceptualmente, no programa de trabalho de Culioli, são as operações que podem apreender a invariância lingüística, e por isso é possível que uma mesma operação possa estar presente em enunciados com mais do que uma interpretação (s/d:8).

³³ Em sua tese, Zavaglia diferencia aspectos lingüísticos de aspectos linguagísticos: “talvez pareça abusivo o uso do sufixo -ístico com relação ao termo *linguagem*, uma vez que as normas de derivação da língua portuguesa apontam esse sufixo como participante na formação de substantivos. [...] fizemos uso de *linguagístico* para diferenciar a qualidade daquilo que se refere ao termo *linguagem* daquilo que se refere ao termo *língua*, para o qual temos *linguagem*” (2002:16). A autora ainda acrescenta que “a transformação de um objeto linguagístico em um objeto lingüístico é a instanciação da noção, a sua saturação, a sua materialização num sistema de referência enunciativo. O lingüista não tem acesso à passagem do objeto linguagístico ao lingüístico, mas somente aos rastros dessa passagem cujo resultado é a formatação da noção notada por Culioli QNT” (idem:53-54).

Zavaglia completa que a **deformabilidade** decorre da plasticidade das ocorrências na construção da noção pelo indivíduo (cf. idem:52), o que nos permite dizer que só pela produção dos enunciados as ocorrências, ou deformabilidades de uma determinada idéia, do nível 1, pode ser apreendida e representada.

De acordo com Zavaglia baseando-se nos conceitos de Culioli, num domínio nocional, constituído pelas ocorrências abstratas de determinada noção, aquilo que é individualizável e aquilo que é indiscernível são concomitantes: ao mesmo tempo em que as ocorrências são identificadas umas às outras, elas não são idênticas, uma vez que são individuais (cf. idem:53). A estudiosa afirma também que a partir do momento que uma noção é materializada por uma unidade lingüística, o âmbito pré-assertivo em que se encontrava é quantificado e localizado numa situação de enunciação espaço-temporalmente definida; sendo assim, podemos dizer que cada tipo de ocorrência é, em si, um caso de deformabilidade (cf. ibidem).

A mesma autora (cf. idem: 24), coloca que a **estabilidade** baseia-se no fato de que a construção das relações nos leva a crer que existe uma invariância processual capaz de sustentar a constância da produção e do reconhecimento das formas dentro de uma variabilidade que é de certa forma estável. Tal estabilidade, no entanto, não é rígida nem imutável, mediante a plasticidade e dinamicidade dos fatos lingüísticos (cf. ibidem).

Numa última colocação sobre o domínio nocional, queremos deixar claro que um domínio nocional pode entrar em relação com outros, pois, na verdade, nas relações predicativas sempre encontramos as marcas das categorias da **modalidade**, da **determinação**, do **aspecto** e da **diátese**³⁴, que se relacionam no esquema que envolve qualquer marcador. De acordo com o que expõe Zavaglia, a **predicação** a que nos referimos corresponde à possibilidade de que uma noção se relacione a outra(s), graças ao seu domínio nocional e sua memória cognitiva implícita (2002:56).

2. Uma aproximação à forma esquemática de *hacerse*

Queremos iniciar este item destacando a importância de considerarmos os funcionamentos dos lexemas verbais sem nos limitarmos a uma categorização de unidades lingüísticas, uma vez que na língua os verbos podem funcionar diferentemente mediante relações que respondem a uma série de princípios que na Teoria das Operações Enunciativas são classificadas como constituintes da atividade de linguagem. A teoria nos

³⁴ Modalidade, determinação, aspecto e modalidade são as quatro categorias gramaticais da Teoria de Culioli, categorias que retomaremos separadamente em itens posteriores.

permite trabalhar o verbo em conjunto com seu **complemento**, o que tem a ver com os valores semânticos **localmente adquiridos** pelos verbos nos diferentes enunciados, que é um efeito de conjunto de circunstâncias que levam às relações enunciativas.

Outra questão que ganha proporção em nossa análise é a importância dos elementos que acompanham os verbos nas **relações predicativas**, pois eles regem e ordenam o processo expresso por *ponerse* e *hacerse*. Repetimos que os termos que acompanham o verbo têm papel preponderante no efeito aspectual produzido, pois pouco poderíamos dizer a respeito do funcionamento de *hacerse* ou qualquer outra lexia verbal isoladamente, fato que se confirma pela série de pontos que levantamos no percurso rumo à formatação³⁵ do esquema de *ponerse e hacerse*. Vemos também duas questões dentro da teoria que suportam o trabalho do verbo juntamente com seu complemento, a relação predicativa que caracteriza os verbos *hacerse* e *ponerse* como verbos suporte ou plenos e o esquema de léxis de todas estas questões que trataremos adiante.

Além disso, para que façamos uma primeira aproximação ao que seria a forma esquemática de *hacerse*, parece-nos conveniente descrever a partir da síntese de Zavaglia, os passos sugeridos por Culioli³⁶ para se chegar à esquematização de um item lexical (cf. 2002:71-72):

- estabelecimento de um *corpus* textual de análise no qual o termo escolhido apareça;
- análise dos casos e estabelecimento das famílias de enunciados segundo os funcionamentos do item lexical eleito, de acordo com o aparato formal da Teoria Culioliana;
- construção da forma esquemática do item analisado, caracterizando uma **generalização** (determinado um invariante de funcionamento) e uma **deformabilidade** (as diversas variações de seus funcionamentos).

Reforçamos que temos consciência de que o estabelecimento da forma esquemática de um marcador exige a observação exaustiva das ocorrências, pois ela deve abranger o que há de comum nessas ocorrências, dando conta daquilo que é recorrente e do que é variável, para que assim garanta sua validade. Sendo assim, esclarecemos que neste trabalho chegamos até o segundo item dos passos propostos acima, ou seja, não traçamos ainda a forma esquemática de *hacerse*, mas nos aproximamos dela na medida em que nossa análise nos permite ver características importantes de seu funcionamento.

³⁵ Formatação é aqui entendida como o modo de organização das noções com relação a um parâmetro QLT (qualitativo) e QNT (quantitativo), os quais dizem respeito às categorias do denso, compacto e discreto (cf. Zavaglia, 2002:56).

³⁶ Zavaglia baseia-se no artigo de Culioli intitulado *Donc* publicado em: Culioli, A. *Pour une linguistique de l'intonation: opérations et représentations*, 2 ed. rev. Paris: Ophrys, v.1, 2002.

Quanto ao nosso *corpus* de enunciados, esclarecemos que faremos sua apresentação à medida que formos introduzindo os comentários sobre os funcionamentos dos marcadores, pois assim já estaremos fazendo um pré-reconhecimento de seus funcionamentos.

2.1. Determinação

Dentro do aparato formal da teoria culioliana, a questão da determinação foi um dos primeiros fatores a nos chamar a atenção dentre as possibilidades de descrição dos funcionamentos do marcador *hacerse*. Como já observado no Capítulo 1, ao comentarmos a tradução de um dos enunciados do texto de uma propaganda comercial, ao discutirmos o enunciado “Eu viro um palhaço”, a questão da determinação mostrou-se importante para a descrição de *hacerse*, ao encontrarmos a possibilidade de uma tradução como “*me hago el payaso*”. Vejamos como isso se dá em outros enunciados³⁷:

(1) *Después habló en aquel tono displicente y hastiado de todo. - ¿En qué anda, Sidney? A su técnica de **hacerse el distraído** había que oponer la técnica de **hacerse el tonto**. - ¿En qué ando, señor? No comprendo.* (Denevi, Marco, *Manuel de historia*, Corpus Lingüístico de Referencia de la Lengua Española en Argentina Dirigido por: Francisco A. Marcos-Marín (UAM) <http://www.llf.uam.es/~fmarcos/informes/corpus/coarginl.html>).

(2) *-Miguelí... Trató de **hacerse el sordo**. Se repitió el reclamo que quedó latiéndole insistente como el punteo de un grillo.* (Rivarola Matto, Juan Bautista. *Yvypóra*, Alicante, Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2001, Edición digital basada en la de Buenos Aires, Santiago Rueda, editor, 1970).

(3) *Era como su valle postizo. Redondo. De cara, de cuerpo, de pensamiento. Allí como autoridad se sentía bien: no tenía necesidad de **hacerse el duro** para ganar méritos. Era un lugar apacible y él también lo era a pesar de su oficio y su cargo.* (Barreto Burgos, Chiquita. *Delirios y certezas* Alicante, Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2001, Edición digital basada en la de Asunción-Paraguay, Editorial Torales Kennedy and Asoc., 1995).

(4) *Domitila para avisar que se había caído del micro ayer en la tarde y que había estado aturdida hasta ahora. Mi mamá no le cree, pero dice que hay que **hacerse el que uno le cree** por que si no es peor.* (Paz, Marcela. *Papelucho*, Corpus Lingüístico de Referencia de la Lengua Española en Chile <http://www.llf.uam.es/~fmarcos/informes/corpus/cochile.html>).

(5) *Villamelón y Currita leyeron cada uno por su parte todas estas noticias y guardáronse muy bien de comunicarse mutuamente sus impresiones, pareciéndole a ella más prudente **hacerse la sueca** y a él más fácil **hacerse el desentendido**. El marqués, por su parte, había ya desahogado su corazón en el perro amarillento de Kamschatka, y Currita se apresuró a desahogarlo también en la fina amistad de Juanito Velarde [...] (Coloma, Luis. *Pequeñeces*, 1882, <http://www.cervantesvirtual.com/FichaObra.html?Ref=137>).*

Nos enunciados de (1) a (5), não podemos dizer que o sujeito **é** ou **está** *distraído/tonto/sordo*, o que caracterizaria uma mudança de estado ou qualidade. O que

³⁷ Na seleção dos enunciados de nosso *corpus* há uma predominância de *hacerse* e *ponerse* no infinitivo, o que não significa que ignoramos o fato de que as marcas de flexão número-pessoal e temporal possam influenciar na caracterização de marcas de determinação, aspecto, modalidade e diátese – conceitos todos fundamentais na teoria com a qual trabalhamos, como ficará claro ao longo de nosso trabalho. Essa escolha deveu-se à expressiva quantidade de ocorrências no banco de dados que utilizamos e, também, ao fato de que estamos iniciando um trabalho de pesquisa que, com certeza, deverá ser retomado e ampliado em novos projetos

reconhecemos é uma postura em que o sujeito finge assumir a noção expressa no atributo. A determinação reforçada pelo artigo definido é preponderante nesse funcionamento de *hacerse*, pois a determinação do artigo³⁸ significa uma não coincidência entre o que o sujeito é e o que ele **simula ser**.

Hacerse duro (“ficar duro” ou “tornar-se duro”) não equivale a *hacerse el duro* (bancar o duro/ fingir-se de duro)³⁹, pois no primeiro caso ocorre um processo de endurecimento (que pode referir-se ao caráter de um ser humano, a uma regra, a um alimento ou a outra matéria) que é marcado pela entrada na noção de dureza. Em *hacerse el duro*, encontramos alguém que quer passar-se por uma pessoa de caráter duro, inflexível, autoritária. Com tais enunciados podemos notar, em primeiro lugar, que existem neles diferentes graus de determinação e, em segundo lugar, que tais diferenças têm uma influência direta sobre sua significação.

A mudança na determinação, o que conseqüentemente nos leva a outros sentidos, é evidente quando *hacerse* vem seguido de um artigo indefinido, pois *hacerse un payaso* equivaleria à idéia de confecção de um boneco, de um palhaço para si. Nesse caso, o pronome “se” funciona como complemento indireto (***me hago un payaso = faço um palhaço para mim***). Para explicar melhor tal configuração dentro da teoria de Culioli, apresentaremos a definição de léxis citada por Zavaglia:

Um esquema com uma instanciação dos lugares do esquema de tal maneira que isso nos dê, não um enunciado diretamente, mas um pacote de relações de forma que isso possibilite, em seguida, diferentes enunciados que pertençam a uma mesma família parafrástica (2002:44-45)⁴⁰.

Representado por $\langle \varepsilon^0 \varepsilon^1 \pi \rangle$ ou $\langle \varepsilon^0 \pi \varepsilon^1 \rangle$ em que ε^0 é o termo de partida, ε^1 é o termo de chegada e π é o relator entre eles.

$\langle \text{yo payaso hacer} \rangle$ ou $\langle \text{yo hacer payaso} \rangle$

$\langle \text{payaso para yo hecho} \rangle$ ou $\langle \text{payaso hecho para yo} \rangle$

Temos aí uma coincidência em que a mesma pessoa que faz o palhaço é a que será beneficiada com o mesmo, o que nos permite dizer que o “se” que co-ocorre com o verbo

³⁸ Aqui trabalhamos com artigos vinculados à determinação, no entanto a determinação é um conceito mais amplo. Sobre a determinação com relação aos artigos, vejamos a postura de Culioli a partir da tradução de Zavaglia: “No decorrer de seu trabalho, o lingüista encontrará certas regras próprias a cada uma das línguas. Não é seguro, por exemplo, para estudarmos o processo de determinação, que partamos do princípio de que em todas as línguas existem artigos, tal como são conhecidos em português, e de que são os artigos os responsáveis pela determinação. Podem existir línguas que não possuem artigos, mas que marcam o processo de determinação através de outros marcadores lingüísticos. Dessa maneira, Culioli propõe que processos gramaticais gerais – operações de determinação, modalidade, aspecto e diátese – são formalizados pelas diferentes línguas por meio de marcadores diversos. Assim, partimos de um grau zero de categorização para procurar os elementos, ou marcadores, que marquem essas operações enunciativas gerais nas diferentes línguas” (Zavaglia, 2002: 31) [grifos do autor].

³⁹ Em alguns momentos, como neste caso, trabalharemos com traduções auxiliares que ajudem na leitura.

⁴⁰ Essa definição é apresentada por Zavaglia a partir de Culioli, 1976, p.60-61.

desempenha o lugar do beneficiado pela ação de fazer. Para confirmarmos esse tipo de ocorrência, vejamos outros enunciados em que o mesmo acontece:

(6) *¿Y por qué estos sitiados no inspiran la misma compasión que los otros, cuando es igual, absolutamente igual su infortunio? Para el enfermo que no puede comprar gallina, tocino ni carne con que **hacerse un caldo**, es como si no hubiera carne, gallina ni tocino; para el sano que no tiene con qué comprar pan, es como si no hubiera pan; para él la población carece de víveres, [...]* (Arenal, Concepción. *Artículos sobre beneficencia y prisiones*. Volumen II, 1856, <http://www.cervantesvirtual.com/FichaObra.html?Ref=1858>).

(7) *Acordado esto y mordiéndose Pedro Saputo los labios sobre lo que había en otra parte, les pidió que le facilitasen ropa, cualquiera que fuese, para **hacerse un vestido de hombre**. Vendrás mañana, le dijeron, y la tendrás prevenida. Con efecto acudieron a algunas túnicas y mantitos de santo, porque no tenían otra cosa a mano, y para gorra una tuniquilla de terciopelo morado de un niño Jesús Nazareno, guarnecida con galones de oro;* (Foz, Braulio. *Vida de Pedro Saputo*, 1828, <http://www.cervantesvirtual.com/FichaObra.html?Ref=149>).

(8) *Aunque las ciudades, vistas marinas y paisajes no se representaron con el realismo y la perspectiva del arte occidental posterior, las construcciones fortificadas, los barcos, carros, trampas, sistemas de caza, armas, libaciones rituales y el vestuario se describen con tal nitidez que el observador actual puede **hacerse una idea** bastante exacta de su apariencia.* (*Arte y arquitectura de Mesopotamia* - enciclopédia, http://es.encarta.msn.com/artcenter_/browse.html)

(9) *Porque no soñaba, no, ni debía **hacerse ilusiones**. Estaba aquí y ahora. Era este hombre que respiraba jadeando, este despojo inútil reducido al tamaño de una zanja [...]* (Sagüier, Raquel *Esta zanja está ocupada*, Alicante, Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2001, Edición digital basada en la de Asunción-Paraguay, Aguilar y Céspedes, 1994).

As construções (6) *Hacerse un caldo* e (7) *hacerse un vestido de hombre* também fazem referência ao ato de preparar/fazer/produzir algo para si mesmo. E acrescentaríamos a este grupo também (8) *hacerse una idea* e (9) *hacerse ilusiones*, pois ainda que pareça não haver neles um valor agentivo temos a produção final de uma idéia ou de ilusões, mantendo-se nestes casos o mesmo esquema de léxis do enunciados (6) e (7). Nos casos de (8) e (9) notamos uma tomada (voluntária ou induzida?) de uma posição, cujo resultado é a criação de uma imagem mental. A ausência do determinante no enunciado (9) reforça nossa idéia de que essa latência de significação, enquanto efeito da produção de algo para si, é inerente ao marcador e não pode ser exclusivamente atribuída à presença de um artigo que acompanha o seu complemento. Para que nossa última afirmação fique mais clara, observemos o que ocorre no enunciado a seguir:

(10) *Victoria total. Nadie podía aceptar que la abuela tuviera sus razones y que sus sospechas se confirmarían un siniestro martes por la tarde, por suerte a la misma hora en que don Jacobo estaba en la clínica para **hacerse un análisis**, pobre, o si nomoría del corazón. Primero algunos golpes en la puerta y Tania corriendo para el fondo de la casa, sin tiempo para esconderse porque un golpe mayor derribó la puerta y entraron como perros rabiosos, [...]* (Rodríguez Alcalá, Guido. *Cuentos* <http://www.cervantesvirtual.com/FichaObra.html?Ref=4402>).

Para este caso, o esquema de léxis a ser apresentado é o seguinte:

<clínica fazer exame>
<exame feito em/para Jacobo>

Neste caso percebemos que temos duas léxis em que não coincidem os termos de partida e de chegada. O artigo, que continua sendo um índice de determinação no enunciado, agora nos leva a outro lugar, pois não há marcas de agentividade para Jacobo, que será examinado por alguém; ou seja, ao mesmo tempo em que recebe a ação de outro ao ser examinado, é também o destinatário do exame; por isso, dizemos exame **em/para** Jacobo, já que este é ao mesmo tempo o alvo e o beneficiado pela feitura do exame. Vejamos ainda outros enunciados em que a questão da determinação aparece simultaneamente com a de agentividade:

(11) *Entiende Cristo que, así como el grano de mostaza, que es el más pequeño de todos los que son sembrados, siendo sembrado va creciendo hasta **hacerse un árbol** grande, así el reino de los cielos, siendo en la presente vida la cosa más abatida y más despreciada de todas cuantas son enseñadas, siendo predicado va creciendo en cantidad, abrazando más personas, y en calidad, dando más perfección á las abrazadas [...]* (Valdés, Juan de. *El evangelio según San Mateo*, 1526. <http://www.cervantesvirtual.com/FichaObra.html?Ref=750>).

(12) *Y en el inquieto y caprichoso vuelo de la fantasía, como descontando con la mente el porvenir, veíalo nacido ya, contempláballo crecer, **hacerse un hombre** al lado suyo, al amparo de su custodia maternal, un hombre bueno, generoso, noble, lindo, más lindo, más bueno, más noble y generoso que los otros, sí, todas las prendas, todas las dotes, todas las humanas perfecciones, llegarían a encontrarse [...]* (Cambaceres, Eugenio. *En la sangre*, <http://www.cervantesvirtual.com/FichaObra.html?Ref=1491>).

(13) *Sí, está ahí, chapoteando entre la tierra inundada. Un poco languiducho todavía, un poco pálido, pero procurando **hacerse un sol entero**. Y la lluvia ya no era lluvia sino distancia. Con el sol he nacido de nuevo esta mañana. Todo se me iluminó de pronto.* (Saguier, Raquel. *La niña que perdí en el circo*, Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2001, Edición digital basada en la de Asunción-Paraguay, RP Ediciones, 1987).

Nos três últimos enunciados, encontramos o registro de processos naturais e involuntários, cujos resultados são “produtos finais” (árbol/hombre/sol) sem um destinatário ou beneficiado.

Agora, retomando a questão da determinação do determinante (*el/la*), o que também podemos observar, é que este não vincula obrigatoriamente *hacerse* a um adjetivo com idéia de simulação e fingimento, o que se comprova a partir da observação do enunciado abaixo:

(14) *Antuco abrió de par en par la ventana del patio. El aguacero violento había cesado al **hacerse la noche**. Ahora llovía misteriosamente en las tinieblas.* (Barrios, Eduardo. *Gran señor y rajadiablos*, Alicante, Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2000, Edición digital basada en la de Santiago de Chile, Editorial Andrés Bello, 1981).

Neste enunciado fica marcadamente representada a finalização de um acontecimento ou processo natural. A idéia de processo aparece de forma a representar uma mudança gradual e contínua rumo a um estado ou situação final, isto é, na direção do estabelecimento ou construção de uma ocorrência⁴¹. A idéia de gradação e processo aparece também nos enunciados apresentados abaixo:

(15) [...] *si es muda la conciencia, si aprendemos a convivir con la traición, si no se sienten las náuseas por uno mismo, es fácil **hacerse rico**, aun partiendo de la nada. Cualquiera puede serlo si en realidad lo único que desea es dinero. Yo era más ambicioso. Deseaba todo.* (Pisabarro, V. *Del agua nacieron los sedientos* <http://www.badosa.com/bin/obra.pl?id=n025> em 14.11.2007)

(16) *Y de gratitud a su padre: no tenía ninguna gana de **hacerse sacerdote** y don Melitón lo había comprendido. Ser soldado era un honor, un privilegio de ciudadanos al que los indios accedieron [...]* (Rivarola Matto, Juan Bautista. *El santo de Guatambú* Alicante : Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2001, Edición digital basada en la de Asunción (Paraguay), Intercontinental Editora, 1988).

(17) *Error general y desdichadísimo es la idea de que los deberes sólo se relacionan con la voluntad: que basta ella para cumplirlos, y que el entendimiento sirve para **hacerse abogado, médico o ingeniero**, mas no para ser hombre honrado: como si el deber no necesitara aprenderse. Cierto que hay personas que saben y no quieren cumplir sus deberes; pero otras muchas, el mayor número, los ignoran, o tienen de ellos un conocimiento vago o limitado [...]* (Arenal, Concepción. *Estudios penitenciarios*. Volumen II, in: <http://www.cervantesvirtual.com/FichaObra.html?Ref=1846>, Edición digital basada en la edición de Madrid, Librería de Victoriano Suárez, 1895. 2 vol. (Obras completas de Concepción Arenal; 5,6).

(18) *Del mismo modo, debo prever qué pasará, si consiguen liquidarme para heredar. Es claro que alguien que sobreviva, deberá **hacerse cargo**. Chicos, perdónenme por esto que les voy a pedir, ustedes son las personas en las cuales más confío, los hermanos que nunca tuve.* (Ludovico Gulminelli, Ricardo. *Fecundación fraudulenta*, <http://www.badosa.com/bin/obra.pl?id=n101>).

(19) — *¡Queda claro cuál es la finalidad de Burán!, ¡pretende no **hacerse responsable** del bebé! Es absurda esta posición, propia de una película de ciencia ficción.* (Ludovico Gulminelli, Ricardo. *Fecundación fraudulenta* disponible em <http://www.badosa.com/bin/obra.pl?id=n101>).

(20) *Juanito; perdón, Mariquita, si me pongo pedante y os hablo un lenguaje que, afortunadamente, no comprendéis. Es que yo soy ya grande; y esto, el **hacerse grande**, es una cosa que da lástima que les pase a los chicos [...]* (Nervo, Amado. *La lengua y la literatura*, Alicante, Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 1999, Edición digital a partir de *Obras Completas*. Vol. XXII-XXIII, Madrid, Biblioteca Nueva, 1928. Localización: Biblioteca General de la Universidad de Alicante, sig. DP L134.2/NER/AMA vol. 1 y vol. 2).

(21) *Lo internaron para curarlo «de la botella». Fue un descanso para Máxima, sobre todo al acostarse, cuando su sueño podía **hacerse largo**, sin esa interrupción nocturna que más parecía un desfile de fantasmas dirigidos por Sabino [...]* (Karlík, Sara. *Entre ánimas y sueños*, Ariditi, Asunción de 1987).

⁴¹ Baseando-nos em dois exemplos citados por Zavaglia a partir de Culioli (1999a: 145-158), quando num enunciado encontramos apenas qualificação - *La tasse est cassée* (A xícara está quebrada) – dizemos que não há a construção de uma ocorrência, logo temos apenas o estabelecimento de um estado. No caso em que há a passagem de um estado para outro – *La tasse a été cassée* (A xícara foi quebrada, a xícara esteve quebrada) – caracteriza-se a construção de uma ocorrência, pela remissão ao responsável pela passagem do estado de não estar quebrada, inteira, para o estado de estar quebrada, em pedaços, ou sem um pedaço. A mudança de situação se dá conforme a diátese construída no enunciado (cf. 2002:35).

(22) *Él no podía quejarse, en su vida no había habido desengaños terribles, grandes contrariedades, aparte de la muy considerable de no haber sido cómico; pero en tesis general, el mundo estaba perdido. Y además, esto de **hacerse viejo**, que le tocaba a él como a cada cual, era un gravísimo inconveniente. En la muerte no quería pensar, porque eso le ponía malo, y Dios no manda que enfermemos* (Alas, Leopoldo. (1876), *La Regenta*, <http://www.cervantesvirtual.com/FichaObra.html?Ref=34>).

(23) *No me moleste para nada, agregó dirigiéndose a su habitación y cerrando con golpe seco no solamente la puerta, sino toda posibilidad de que llegara a **hacerse público** un asunto que, por mandato superior, debía ser guardado en la privacidad más absoluta.* (Saguier, Raquel. *La posta del placer*, Alicante, Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2001, Edición digital basada en la de Asunción-Paraguay, RP Ediciones, 1999).

(24) [...] -continuó Basilio-. *Si vende unas carretadas va a comprar para su parejero. Y así hasta que los gritos, al llegar al horizonte, acabaron por **hacerse anónimos**. -A veces se me antoja -comentó Basilio, reanudando la marcha- que cuando grita el yvypóra el sapucaí recorre el Paraguay [...]* (Rivarola Matto, Juan Bautista., *Yvypóra*, Alicante Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2001, Edición digital basada en la de Buenos Aires, Santiago Rueda, editor, 1970).

(25) *Era que se acumulaba en su espíritu inquietud tan angustiosa que tornaba por **hacerse insoportable**.* (Orrego Luco, Luis. *Casa grande: escenas de la vida en Chile*, Tomo segundo. Alicante, Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2000, Edición digital basada en la edición de Santiago de Chile, Zig-Zag, 1908).

Podemos identificar, em cada um dos enunciados de (15) a (25), um processo de transformação processual, cuja extensão pode variar de acordo com o feixe de noções culturais que acompanham o atributo. Para trabalharmos essas diferenças, faremos alguns agrupamentos:

- a) *hacerse rico/sacerdote/abogado/cargo/responsable*
- b) *hacerse grande/largo/viejo*
- c) *hacerse público/anónimos/insoportable*

Identificamos características processuais diferentes para cada caso. No grupo a) percebemos um processo gradual que prevê uma determinada agentividade por parte do sujeito do enunciado, ou seja, para *hacerse sacerdote*, por exemplo, há todo um processo marcado por etapas de uma formação religiosa, até que se receba a ordenação de sacerdote. Essas etapas só podem ser superadas mediante a ação de um interessado em cumpri-las. *Hacerse abogado* também passa por estas etapas que reconhecemos como sendo institucionalizadas e passíveis de um reconhecimento público que as legitime. Para *hacerse rico*, também é possível identificarmos um processo de enriquecimento – a custa de trabalhos e esforços⁴².

Decidimos colocar num mesmo grupo *hacerse rico*, *hacerse cargo* e *hacerse responsable* por interpretarmos que significam “enriquecer”, “encarregar-se” e “responsabilizar-se” respectivamente, o que revela tanto a idéia de processo como a de

⁴² Em espanhol, para expressar uma mudança repentina com relação à riqueza usaríamos *volverse rico* em lugar de *hacerse rico*.

possibilidade de intervenção do sujeito no processo. Trata-se de a adoção de uma nova condição de maneira que o sujeito do enunciado é consciente de tal transformação.

No grupo de enunciados b) *hacerse grande/largo/viejo*⁴³ há a idéia de um processo gradual, progressivo e contínuo em direção a um determinado ponto, sem que haja necessariamente a participação do sujeito em tal processo. Enquanto em certas culturas a idéia de envelhecimento costuma aparecer como um processo natural e irreversível⁴⁴, *hacerse largo* e *grande* são possibilidades que não são imprescindíveis. O aumento da dimensão física e da progressão temporal geralmente não sofre a intervenção de um sujeito, o que parece ficar bem claro em (20), (21) e (22). Em (20), por exemplo, temos o crescimento físico de uma pessoa, e mais do que um aumento de estatura, temos a marca da passagem do estatuto de “criança” para o estatuto de “adulto”. Em (21) *sueño que podía hacerse largo* encontramos a possibilidade de ter um sono duradouro, mas não a garantia do mesmo, já que fatores não inerentes ao sujeito do enunciado poderiam interferir na duração de tal *sueño*. Em (22) *hacerse viejo* deixa-nos perceber que se trata de uma mudança que não pode ser evitada, um pré-construto que estabelece que tudo e todos passam pelo processo de envelhecimento.

Nos enunciados do grupo c) *hacerse público/anónimos/insoportable* podemos atribuir a uma série de circunstâncias a passagem de uma noção a outra público/não público, anônimo/não anônimo, insoportable/soportable.

Em (23), para que o *hacerse público* se efetive, imaginamos eventos que levem o referido assunto “privado” para a esfera do público. Tais eventos marcam uma agentividade que não parte necessariamente do sujeito gramatical, mas colocam em relação acontecimentos ou causas para que se chegue ao ponto destacado no enunciado. As mesmas condições parecem repetir-se nos casos de (24) e (25) em que reconhecemos um movimento que parte do reconhecimento público para o anonimato e do âmbito do suportável, para o do insuportável.

Guardadas as devidas peculiaridades dos enunciados acima nos quais aparece *hacerse* seguido de determinante, levantamos a hipótese de que encontramos como elemento comum para todos eles: a presença de uma **meta**, um limite, um resultado, um ponto final em direção ao qual caminha a ocorrência expressa pelo verbo⁴⁵.

⁴³ No caso de *hacerse largo* estamos pensando em contextos como o do enunciado (21).

⁴⁴ O rejuvenescimento e a estabilidade do tempo são noções presentes numa esfera mais metafórica, mítica, irreal e fantástica, o que não invalida a descrição que acabamos de apresentar. Reconhecemos ainda que existem enunciados que podem entrar em relação de sentido com discursos específicos de divulgação científica ou de aplicação da ciência (como no caso da cosmética e da medicina estética) que afetem nossa afirmação.

⁴⁵ Neste ponto, inspiramo-nos na análise desenvolvida por Zavaglia (cf. 2002:37-38 e 42-43).

Como caminhamos em direção a uma forma esquemática, sentimos a necessidade de apresentar um rol de enunciados que mostre a variedade de seu funcionamento e sentimos também a necessidade de organizar tais enunciados segundo semelhanças e diferenças de alguns de seus comportamentos.

Tudo nos leva a crer que o resultado tem uma clara importância para o processo expresso no enunciado. Há um ponto de atração com relação ao qual podemos estabelecer padrões de pertinência de ordem qualitativa e quantitativa. Com relação a este ponto de atração, podemos estabelecer um maior grau de proximidade ou de distanciamento. Em (11) *hacerse un árbol grande*, em (12) *hacerse un hombre* e em (14) *hacerse la noche*, para colocarmos apenas alguns exemplos, vemos que o movimento de atração caminharia para um centro, o do “plenamente homem”, do “plenamente árvore grande” e do “plenamente noite”, o que nos permite dizer que há aí um centro organizador da noção. De acordo com Zavaglia, quando na construção das ocorrências levamos em consideração propriedades nocionais determinadas pelo centro organizador da noção, que podem privilegiar ora o tipo, ora o atrator, ou ainda, nenhum dos modos de organização do centro, estamos no âmbito da distinção dos funcionamentos nocionais **discreto**, **compacto** e **denso** (cf. 2002:56). Podemos dizer que nos enunciados de (6) a (14), o “fazer” é determinado por uma quantidade de algo a ser feito, sendo que essa quantidade, ao delimitar o processo “fazer”, permite-nos dizer que uma vez feito o “fazível”, nada mais resta a ser feito. Essa finalização indica que uma instanciação quantitativa ocorre até um determinado limite, que “um fazer” ocorre, sendo que esse fazer se estabelece a partir de um padrão determinando, um limite responsável por conceber o processo como validável, como realizável. No caso de (6), *un caldo* instaura um limite-padrão determinando o fazível e tal conformidade ao limite-padrão marca exatamente o funcionamento discreto.

O fato de que tenhamos uma meta ou limite como resultado final do processo expresso por *hacerse*, faz-nos pensar que independentemente de termos uma referência a qualidade (*hacerse el tonto*) ou a um substantivo (*hacer un caldo*), é possível reconhecermos um caráter agentivo nesses acontecimentos, pois há marcas da iniciativa do sujeito sobre os mesmos. No caso dos fenômenos naturais, a agentividade estaria por conta das próprias forças da natureza, como no caso de *hacerse viejo* e *hacerse la noche*.

A título de comparação, retomaremos algo já discutido sobre as relações predicativas em fragmentos como *hacerse médico* e *hacerse el tonto*. Neste caso, a maior determinação da segunda nos leva para a questão da simulação e do fingimento, que se instaura como algo provisório, que tende a desfazer-se assim que não houver mais necessidade de se demonstrar tal característica. Em *hacerse médico*, há menos determinação e contrariamente a *hacerse el tonto*, tende a ser um processo duradouro e menos reversível não permitindo

uma intermitência pontuada por momentos que alternam /+médico/ e /-médico/; o que é possível de ocorrer com *hacerse el tonto*, com relação ao qual é plausível a alternância de /+tonto/ e /-tonto/ de acordo com a situação. Ocasionalmente, o médico pode exercer outros papéis sociais, sem que deixe de ser médico, pois é comum que os sujeitos de certas sociedades ocupem papéis sociais diferentes em cada situação, de acordo com as relações que se estabelecem entre os membros de dita sociedade em determinados contextos⁴⁶. A institucionalização do título de médico como profissão confere à noção /médico/ uma maior concretude e estabilidade, o que pode ser documentado ou comprovado pela atividade que o sujeito exerce, pelo conhecimento que demonstra, pela posse de um diploma, etc.

As relações predicativas que envolvem os atributos /tonto/ e /médico/ coincidem em muitos momentos, mas não seria aceitável que /médico/ estivesse atrelado à idéia de estado:

<ser tonto>, <estar tonto>, <hacerse el tonto>, <parecer tonto>
 <ser médico>, <estar médico>*, <hacerse médico>,
 <hacerse el médico>, <parecer médico>

Para termos mais claro que QNT e QLT se relacionam diretamente à questão da determinação que estamos discutindo, devemos considerar que, segundo Zavaglia, a partir do momento em que uma noção é materializada por uma unidade lingüística o âmbito pré-assertivo em que se encontrava a noção é quantificado e localizado numa situação de enunciação espaço-temporalmente definida, pois a unidade lingüística passa a ser representante de uma ocorrência abstrata da noção (cf. 2002:53). A mesma pesquisadora comenta ainda que nesse momento, QNT determina uma quantificação da noção e ao mesmo tempo QLT uma qualificação da unidade lingüística (cf. *ibidem*). Como pudemos observar, a determinação se caracteriza pela co-ocorrência de vários fatores que se referem tanto às operações de nível 1 como do nível 2.

Fica claro também, nas reflexões que fomos tecendo a partir dos enunciados com *hacerse*, que há uma íntima relação entre as categorias da diátese e da determinação, no sentido em que a idéia de ação ou participação no processo expresso por *hacerse* pode variar, e que o tipo de determinação que aparece nos enunciados pode estabelecer certos traços em termos de diátese. Logo, ao longo de nossas descrições pudemos perceber

⁴⁶ Em outras palavras, a respeito desses enunciados, identificamos que a intermitência da atribuição enunciada – médico/tonto – assemelha-se no sentido em que tomando situações reais o médico, pode assumir concomitantemente outras posições. Vejamos diferentes situações em que um médico, distante de tal função, por não estar no trabalho, no atendimento, num hospital ou clínica, exerça outras atividades. Ele pode ser em distintos momentos, pai, cliente, paciente, comprador, professor, marido, etc., isto é, sem que deixe de ser médico ele pode assumir outras tantas posições sociais. Neste sentido, o *tonto* por conveniência, estaria de certo modo fazendo isso, assumindo um papel, com a diferença de que ele não é realmente *tonto*, mas se faz passar por um deles, neste momento ele seria um ator ou um dissimulado.

diferenças diatéticas em enunciados como *hacerce un caldo*, *hacerse el tonto*, *hacerse médico* e *hacerse viejo*.

Para completarmos nossa descrição, na seqüência vamos retomar a questão do centro organizador da noção, destacando que dedicaremos um item deste trabalho para as questões de diátese, bem como às de modalidade. Na realidade, obedecemos a essa organização na tentativa de mostrar a transcategorialidade proposta por Culioli.

2.2. Compacto, denso e discreto

Como foi dito no item anterior, na teoria culioliana, estamos no âmbito da distinção dos funcionamentos nocionais discreto, compacto e denso quando na construção das ocorrências são consideradas propriedades nocionais determinadas pelo centro organizador da noção, que podem privilegiar o tipo, o atrator, ou ainda, nenhum dos modos de organização do centro. Sobre os funcionamentos nocionais discreto, denso e compacto, de acordo com Zavaglia, encontramos que:

[...] foram introduzidos por Culioli e estudados em princípio na tentativa de propor uma reflexão mais plástica e menos rígida que a de contável, incontável (com problemas de determinação) ou a de resultativo, progressivo (com problemas de diátese e aspecto) (2002:56).

De maneira esquemática, trataremos de sintetizar, a partir de Zavaglia (cf. 2002:56-58), as descrições dos funcionamentos denso, discreto e compacto nas relações predicativas que se estabelecem nos enunciados no processo de construção de uma ocorrência:

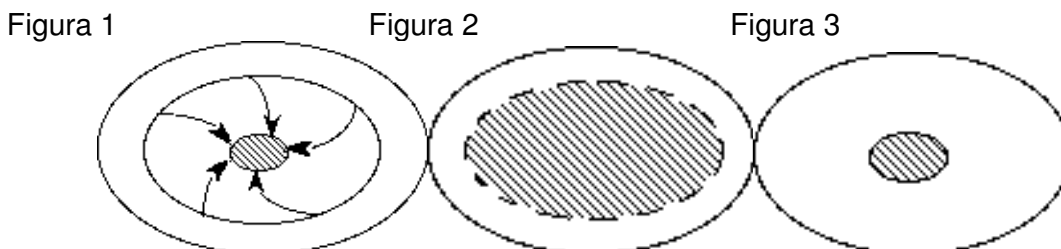
- **Compacto:** refere-se à qualificação. Momento ainda não instanciado, que está no âmbito das relações primitivas e ainda sem quantificação, logo não pode ter suas ocorrências enumeradas, fragmentadas nem quantificadas. Estabelece-se a noção de gradiente e diferentes graus de “intensidade” com relação a um centro organizador e atrator. [Configuração Qualitativa (QLT), Instanciação Qualitativa (QLT)].
- **Denso:** admite a transcategorialidade, não havendo a preponderância nem do tipo, nem do atrator como organizador da noção. É o equilíbrio entre a quantificação e qualificação. Por isso, em geral encontramos a construção de ocorrências quantificadas de forma indeterminada com o auxílio de classificadores que funcionem de forma discreta. [Configuração Qualitativa (QLT), Instanciação Quantitativa (QNT)].
- **Discreto:** prepondera a quantificação, pois as noções são instanciadas de modo que suas ocorrências podem ser individualizadas e enumeradas, em que as ocorrências são especificadas. Não há um centro organizado ou atrator da noção, pois P é o tipo que organiza a noção. [Configuração Quantitativa (QNT), Instanciação Quantitativa (QNT)].

Consideramos interessantes as figuras propostas por Correia (s/d:10) como representativas das três categorias que acabamos de descrever:

Figura 1: ocorrências discretas

Figura 2: ocorrências densas

Figura 3: ocorrências compactas



A respeito das figuras acima, Correia comenta que:

[...] as ocorrências discretas ao serem formatadas, definem-se em relação a um padrão tipo; por seu lado, as densas necessitam de um suporte que as formate; as compactas, sendo intrinsecamente qualitativas, definem-se como a própria noção (não fragmentáveis, indiscerníveis, definidas em intensão).

As formatações acima definidas, pensadas num primeiro momento para o domínio nominal, são extensíveis ao domínio verbal. Neste caso, (e segundo Campos (1997: 193), ter-se-á em conta, por um lado, as propriedades do predicado verbal e, por outro, a determinação do complemento (cf. *ibidem*:10)⁴⁷.

Zavaglia explica que a **formatação** de uma noção se dá pelo modo como se organiza com relação a QLT e QNT, o que não significa que tenhamos grupos definidos de noções discretas, compactas e densas, mas que essa classificação nos ajuda na tentativa de compreender o funcionamento das noções através dos rastros das operações de linguagem que se encontram nos enunciados (cf. 2002:57). Em outras palavras, é somente a partir dos enunciados que podemos estabelecer que elementos de uma noção aparecem em determinado enunciado e o que de seu funcionamento pode ser apreendido.

Podemos ver também que, de acordo com as observações de Correia, os argumentos das diferentes predicções podem desencadear processos de especificação de ocorrências (nas formatações discretas) ou construções de ocorrências (nas formatações densas). Nas formatações compactas o complemento não é nem especificador, nem construtor dessas ocorrências (cf. s/d:10).

Como vimos anteriormente, nas observações realizadas com relação aos enunciados com *hacerse*, a questão do limite sempre se estabelece, por isso não podemos deixar de considerar sua importância, enquanto marca de determinação. Seja no caso de *hacerse um caldo*, de *hacerse grande*, de *hacerse sacerdote* ou de *hacerse el tonto*,

⁴⁷ A obra de Campos à qual Correia faz referência é CAMPOS, M. H. C. *Tempo, aspecto e modalidade. Estudos de Linguística Portuguesa*. Porto: Porto Editora, 1997.

encontramos um limite para validação do processo. Somada a essa idéia de determinação própria da construção do enunciado, ainda encontramos aquela que se refere à determinação espaço-temporal estabelecida pelo enunciado quando de sua realização, o que nos faz ver a determinação como uma categoria complexa que se estabelece por múltiplos fatores em cada enunciado.

Observando enunciados e manipulando-os, notamos que questões de modalidade⁴⁸ referentes à quantificação e à qualificação se somam às questões de determinação e passam a ser relevantes para nossa análise, dentre elas a questão aspectual mostra-se relevantes, pois, segundo Zavaglia, com base em Culioli:

No momento em que uma relação predicativa é situada espaço-temporalmente de forma quantitativa (com a construção de uma ocorrência) e qualitativa (com a caracterização dessa ocorrência), temos também problemas ligados ao aspecto com relação aos processos perfectivos, imperfectivos, e à determinação do complemento (flechagem, extração, entre outros): *ele tomou o leite, ele tomou leite*; com relação à genericidade e à operação de varredura: *o cachorro late, o cachorro é um mamífero*; com relação à determinação do predicado: *ele quase disse isso* (chegou perto de dizer ou ele disse outra coisa), *ele praticamente disse isso* (disse em outras palavras ou ele disse isso de forma incompleta), *ele disse um pouco isso* (o que ele disse tem a ver com isso) (2002:35-36).

O trecho que acabamos de citar revela algo importante da teoria quando aplicada à análise: em muitos momentos não há como desvincular as categorias umas das outras, ou seja, ao falarmos de determinação, temos que considerar também as demais categorias (diátese, modalidade e aspecto), sobretudo pelo seu caráter complementar. Como nos interessa trabalhar melhor as questões de modalidade, adiante dedicaremos um item para apresentar mais detalhadamente os conceitos a ela concernentes, já na tentativa de apresentá-los vinculados à nossa análise.

Baseando-nos em conceitos de Culioli apresentados por Zavaglia (cf. 2002:55), por hora consideramos importante, para melhor entendermos o conceito de localizador e as relações quantitativas e qualitativas, fazermos referência ao pólo de referência que Culioli nomeou de **centro organizador da noção**, o qual pode ser organizado de dois modos: com relação ao **tipo** ou com relação ao **atrator**. O tipo se constrói por meio de operações de identificação e de diferenciação com relação a uma ocorrência privilegiada da noção que interpreta o papel de localizador; sendo que esse localizador permite uma fragmentação da noção, na qual as ocorrências abstratas do domínio podem identificar-se ou não com a ocorrência privilegiada, assumindo o papel de exemplar que servirá de referência para as outras ocorrências em operações predominantemente quantitativas (cf. Zavaglia:55). Já o

⁴⁸ Para Culioli, modalidade é um conceito muito amplo que vai além das marcas de subjetividade do enunciador no enunciado. Qualquer relação de identificação ou ruptura entre o enunciador e o sujeito do enunciado pode ser uma marca de modalidade (cf. Zavaglia 2002:37).

atrator, constrói-se apenas a partir do próprio predicado, o que dá origem a um gradiente no domínio nocional da noção, logo, neste caso o centro organizador é singular e não permite a comparação da ocorrência com outras ocorrências senão com relação a si mesmo por meio de operações qualitativas em suas diferentes intensidades (cf. *ibidem*).

Nesses termos, podemos ver que em (6) *hacerse un caldo* como algo mais da ordem do quantitativo, em que há a construção de uma ocorrência de *hacer* em *un caldo*, então uma **discretização** é uma organização da noção com relação ao tipo. Como já antecipamos, temos um elemento “fazível” (um caldo), que uma vez feito indica que uma instanciação QNT ocorreu, que um “fazer um caldo” ocorreu, sendo possível a identificação de limites temporais na realização do processo. No enunciado (6), “um caldo” é o limite que determina o “fazível”, ou seja, temos uma ocorrência do processo de “fazer” determinado por um limite que instaura a idéia de término ou finalização do processo. *Hacerse un* pode ser visto como um processo que foca uma realização, uma finalização.

Considerando os conceitos de compacto, denso e discreto que apresentamos no início deste item e os que acabamos de expor, podemos retomar alguns de nossos enunciados e fazer uma reflexão. Os fragmentos dos enunciados (22) *hacerse viejo* e (2) *hacerse el sordo*, por exemplo, revelam algo da ordem do qualitativo, com construção de ocorrências⁴⁹, o que nos permite pensar numa **compactização** ou numa **densificação**, isto é, numa organização com relação ao atrator. É possível, em (22), que se estabeleça um gradiente que varie de *-viejo* para *+viejo*, sem que haja marcas de agentividade e de reversibilidade, pois uma vez que alguém ou algo *se hace viejo*, não se pode voltar mais no tempo e no espaço, por isso, neste caso, não se pode ter o valor de suputação, visa-se apenas “o que é o caso” (o interior da noção), o que caracteriza um comportamento **compacto** em que a variação de proximidade e distanciamento com relação ao atrator é a marca relevante. Para que fique mais clara nossa última reflexão, apresentamos o que Culioli (apud Zavaglia 2002:25) denominou de **suputação**:

[...] é tudo aquilo que pertence ao domínio da *certeza enfraquecida*. A suputação é um cálculo, é uma estimativa que se aproxima do valor centralizado, mas não chega a ser assertado: em lugar de enunciar *ele disse isso*, enuncia-se *ele deve ter dito isso*. Nesse caso temos também a probabilidade (*provavelmente ele disse isso*), a possibilidade (*ele pode ter dito isso*) e a eventualidade (*é possível que ele tenha dito isso*)⁵⁰.

Zavaglia destaca ainda que na suputação é como se uma negação permanecesse latente, enfraquecendo a certeza, pela possibilidade de que ele (o sujeito do enunciado) deixe de ser P e passe a ser P', de forma que nos preocupamos com os dois parâmetros simultaneamente, “o que é o caso” (*c'est le cas*) e “o que não é o caso” (*Ce n'est pas le cas*)

⁴⁹ Sobre a acepção do termo ocorrência aqui usado, leia-se a nota 41.

⁵⁰ Grifos do autor.

(cf. idem:33-34). Para *hacerse viejo*, não podemos construir instanciações quantitativas, efetuando uma localização espaço-temporal do processo de modo que seja possível a passagem a uma condição que já não seja a de velho, ou seja, apenas a dimensão qualitativa da noção evocada pelo processo *hacerse viejo* é instanciada.

No caso de (2) *hacerse el sordo* – semelhantemente ao que vimos com o caso de *hacerse el tonto* – existe a possibilidade de suputação, ou seja, pode-se passar da falsa surdez para o estado normal, aquele em que não se simule tal postura. Tal configuração⁵¹ qualitativa da noção caracteriza um funcionamento denso, que se preocupa tanto com “o que é o caso” (interior da noção: surdo), quanto com “o que não é o caso” (exterior da noção: não surdo).

As reflexões que desenvolvemos até agora ilustram bem o que acontece na construção de um enunciado de acordo com a Teoria das Operações Enunciativas, pois percebemos que as relações predicativas que se estabelecem a partir da organização dos marcadores, que se organizam em esquemas de léxis, apreendem parcelas das noções (do nível 1 da linguagem) e as organizam de maneira complexa, não sendo possível portanto pensarmos em apenas um conceito da teoria para explicarmos um fenômeno tão complexo quanto à expressão da mudança, questão que inicialmente nos impulsionou na direção dos marcadores *hacerse* e *ponerse*.

3. Uma aproximação à forma esquemática de *ponerse*

Passamos, neste ponto, a realizar a análise do funcionamento do marcador *ponerse*, esclarecendo que, pelo fato de termos decidido que faríamos uma costura entre a apresentação de teoria e da análise, e pelos próprios avanços e descobertas que nos trará o estudo desse marcador, em vários momentos deste capítulo ainda retomaremos aspectos do marcador *hacerse*, além dos conceitos teóricos até aqui apresentados.

A partir de um posicionamento semântico-descritivo baseado no trabalho de Correia (s/d) realizamos uma abordagem de nosso *corpus* pautada numa primeira classificação, que apresentamos a seguir:

⁵¹ Conforme Romero Lopes:

[...] em relação ao conceito de configuração, a *configuração quantitativa* marca, portanto a possibilidade de uma finalização graças à presença de um limite-padrão, o que não ocorre com a *configuração qualitativa*, na qual nenhuma finalização é construída, seja porque o processo é apreendido como uma qualidade a ser atribuída, seja porque o processo é apreendido a partir de uma mera localização (2004:366) [grifos do autor].

- **Mudança de posição:** em que encontramos um ser animado que partindo de uma posição inicial, assume uma nova posição. Tal identificação não se dá necessariamente de forma explícita, mas evidencia-se a partir da instauração da nova posição de alguma forma observável.

(26) *En todo caso, el Chef, todo sonrisas dibujadas en sus mofletes temblorosos, se inclinó, una vez restablecido el silencio, para ayudar a Cordelia a **ponerse de pie**.* (José Donoso. *Casa de campo*, Humanities Research Center, Brigham Young University, Provo, UT.)

(27) *Sólo cuando le ordenaron **ponerse de espaldas** al muro, Arcadio vio a Rebeca con el pelo mojado y un vestido de flores rosadas, abriendo la casa de par en par.* (García Márquez, Gabriel *Cien años de soledad*, Humanities Research Center, Brigham Young University, Provo, UT.)

(28) *A lo mejor mi cruz se equivocó de lugar y en vez de **ponerse sobre mi lomo**, como debe ser, se me atraviesa en la garganta, y a veces no me deja ni hablar.* (Barreto Burgos, Chiquita. *Con pena y sin gloria*, Alicante, Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2001 Edición digital basada en la de Asunción (Paraguay), RP Ediciones, [s.a.].)

(29) *¡**Ponerse de rodillas** en círculo alrededor mío, con las lanzas horizontales apuntando al enemigo!* (José Donoso, *Casa de campo*: Humanities Research Center, Brigham Young University, Provo, UT.)

Observamos que nos enunciados de (26) a (29) temos posições que remetem a um lugar, postura ou espaço físico observável, porém existe a possibilidade de uma mudança de posição de outra ordem, que se refere à mudança enquanto posição hierárquica, conduta e opinião. Posicionar-se não está relacionado apenas ao lugar em que se está ou que algo ocupa, mas também à postura enquanto atitude, modo que se assume.

(30) *Meses atrás yo había advertido la lucha interior del Estratega; fue cuando llegó al teatro de operaciones para **ponerse a mis órdenes**.* Rodríguez Alcalá, Hugo. *El ojo del bosque*, Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2001, Edición digital basada en la de Asunción (Paraguay), Arandura, [s.a.].

(31) *Los fundadores de Macondo, resueltos a expulsar a los invasores, fueron con sus hijos mayores a **ponerse a disposición** de José Arcadio Buendía.* (García Márquez, Gabriel. *Cien años de soledad*: Humanities Research Center, Brigham Young University, Provo, UT.

(32) *-¡Qué desgracia! De modo que ahora vendrán por mí. -Tranquilo, querido. Es persona importante y tratará de no **ponerse en evidencia**. Es carnada útil. Lo cuidarán.* (Dimas Aranda, Santiago. *La pesadilla*, Alicante, Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 200, Edición digital basada en la de Asunción (Paraguay), Editorial Manuel Ortiz Guerrero, 1980).

(33) *Con estas medidas, Axa pretende **ponerse a salvo** de la lluvia de reclamos que viene sufriendo por supuestas insuficiencias del servicio, teniendo que enfrentar últimamente juicios [...]* (Jorge Majfud, Uruguay, *El año de Tech Blue*, en: http://home.cc.umanitoba.ca/~fernand4/Sher_Sher_anode.htm).

(34) *Debe insumir mucha energía —el Pez no abandonaba su postura. Sabía que lo del uro era cierto; pero el don le advertía acerca de **ponerse bajo la protección** de la ensajera.* (Mourelle, Daniel Rubén *Miramar: La gesta del pez*: <http://www.badosa.com/bin/obra.pl?id=n066-10>).

(35) *Eran sus hijos. Sin **ponerse de acuerdo**, sin conocerse entre sí, habían llegado desde los más apartados rincones del litoral cautivados por el ruido del jubileo.* (García Márquez, Gabriel. *Cien años de soledad*, Humanities Research Center, Brigham Young University, Provo, UT.)

(36) *La casa tenía que refulgir desde el zaguán hasta el último rincón de la sala. La mesa desbordaría en exquisitos manjares. Había que **ponerse a tono** con la ilustre familia de Javier. Por su lado, ellos estaban en la bancarrota, mas nadie lo sabía.* (Riquelme de Molinas, Yula. *De barro somos*, Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, Alicante, 2000, Edición digital basada en la de Asunción, Intercontinental Editora, 1998).

(37) *Podrían **ponerse en duda** los fundamentos mismos de nuestra civilización y sus grandes logros -agregó-. Además, no hay que olvidar a los salvajes...* (González Real, Osvaldo. *Anticipación y reflexión*, Alicante, Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2001, Edición digital a partir de la de 2ª ed. Paraguay, Ediciones NAPA, 1980).

(38) – *él está seguro de que Cirulli ya clava los tacos como nunca: Es un vivo ése: quiere salir el primero para encamarse por ahí y **ponerse al día**...* (Viñas, David. *Los hombres de a caballo*, Humanities Research Center, Brigham Young University, Provo, UT.).

Nos enunciados de (30) a (38) encontramos de forma mais clara a associação da noção de mudança com a de tomada de uma posição, que não remete a um espaço ou posição física, mas a uma nova atitude, modo de agir ou situação. Tal observação, que inicialmente pode parecer óbvia ou irrelevante, tem um papel preponderante dentro da teoria com a qual trabalhamos, principalmente porque nos permite enxergar os dois conjuntos de enunciados como tendo um mesmo funcionamento dentro dos esquemas de léxis, ou seja, as diferenças do nível semântico podem apresentar semelhanças no nível das relações internas.

- **Início de uma nova ação:** a mudança ocorre em relação a um sujeito animado, que pode ter participação voluntária ou não com relação à ação expressa.

(39) *¡Ah sí, **ponerse a escribir** otra vez, qué vomitivo!* (Sarduy, Severo. *De dónde son los cantantes* Humanities Research Center, Brigham Young University, Provo, UT.).

(40) *Arriba, Alfaro! – y de nuevo piensa: ese muchacho puede **ponerse a gritar**, rígido y pataleando, sobre todo que cada vez falta menos para largar las granadas y esos estallidos no van a ser allá adelante.* (David Viñas. *Los hombres de a caballo*, Humanities Research Center, Brigham Young University, Provo, UT.).

(41) *Zapatería La Suela, porque aun estando en el suburbio nadie se podría burlar y porque todo el que viese el letrado desde cualquier ángulo, no podría **ponerse a pensar** en flores, ni en el corte de su camisa, sino justa y necesariamente en sus zapatos.* (Rivarola Matto, José María (1917-1998), *La Suela*, Alicante, Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2001.).

(42) *La máscara teñida de polvo permaneció fija y despierta. Esperaba la primera línea del alba para **ponerse en marcha**: al cuarto día, de acuerdo con lo convenido.* (Fuentes, Carlos. *La muerte de Artemio Cruz*: Humanities Research Center, Brigham Young University, Provo, UT).

(43) – *Por supuesto, eso no es nada – repitió, desganado su padre. Daniel, el Mochuelo, tuvo que pensar en otra cosa para no **ponerse a llorar**. De pronto, el quesero le detuvo cogiéndole por el cuello: – Oye, a tu madre ni una palabra, ¿entiendes?* (Delibes, Miguel. *El camino* Humanities Research Center, Brigham Young University, Provo, UT.).

Observamos que o início da nova ação expressa em cada um dos enunciados acima pode aparecer vinculado a questões de diátese, a partir das quais podemos reconhecer marcas de agentividade. Há casos em que essa agentividade pode ser atribuída a uma causa externa que afeta um sujeito gramaticalmente anunciado podendo, ou não, ser controladas por esse sujeito. Retomaremos adiante, em 3.2, a questão da diátese de modo mais detalhado, pois esta questão vem estando presente na análise de forma constante, por efeito dos fundamentos teóricos com os quais trabalhamos.

- **Mudança de estado:** O sujeito gramatical assume um novo estado.

(44) *Tota estaba enferma. Esa mañana, las arrugas de su rostro semejaban arroyitos; apenas podía hablar. Lo había abrazado muy fuerte y él, en vez de **ponerse triste**, sintió felicidad.* (Lebron, Maybell. *Memoria sin tiempo*, Alicante, Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2001, Edición digital basada en la de Asunción (Paraguay), Arandura Editorial, 1992).

(45) [...] *que no se mete luego en esas cosas por lo menos, aunque también está enfermo y eso me da trabajo porque un señor enfermo y más de sesenta años puede **ponerse nervioso** luego aunque dice también que está contento porque pongo inyecciones bien y eso porque practiqué con tía en su farmacia y yo [...]* (Rodríguez Alcalá, Guido *Cuentos decentes*, Alicante, Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2000, Edición digital basada en la de Asunción-Paraguay, Criterio Ediciones, 1987).

Nos enunciados (44) e (45) a tristeza e o nervosismo se colocam como situações passageiras e involuntárias, ou seja, temos uma mudança de estado momentânea sem marca de agentividade do sujeito.

Ao falarmos de mudanças passageiras e momentâneas, nos damos conta de que traços aspectuais como os modos de processo são importantes na descrição dos funcionamentos que visamos. A incoatividade, por sua vez, é a característica aspectual que dá a idéia de ingresso na nova noção (seja ela uma nova posição, estado, qualidade ou exercício de uma ação), o que reforçaria nossa afirmação anterior de que há um movimento de entrada numa noção. Uma das características da mudança de estado é a latência que sempre existe da passagem a outro estado, seja a volta ao estado anterior à mudança, seja a passagem a um novo estado. A duração ou tempo de permanência em cada estado é variável, podendo ser maior ou menor, no entanto, um novo estado parece sempre estar por instaurar-se.

- **Mudança de qualidade:** O sujeito gramatical assume uma nova característica.

(46) *Por cierto, ese gringo que bonito que **se pone viejo**, sobre todo al atardecer.* (Minguillo, Marco. El Chupetero, In: www.ficticia.com/cuentos/fictaelchupetero).

(47) — *Ahora se están diciendo que no es bueno que sigan discutiendo frente a usted, que no se están comportando profesionalmente. La cosa **se pone buena**.* (Ricardo Armijo. Cambio de definición in: http://home.cc.umanitaoba.ca/~fernand4/Sher_Sher_cambio.htm)

(48) *Sin dinero nada es sencillo. Medio carcamales y de a pie, la cosa **se pone difícil**. Pero está la pinta, Gonzalo.* Riquelme de Molinas, Yula. *De barro somos Alicante* : Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2000, Edición digital basada en la de Asunción, Intercontinental Editora, 1998).

(49) *Criticán a los militares pero cuando la cosa **se pone fea** tienen que recurrir a ellos, porque o sí no no se puede vivir...* (Rodríguez Alcalá, Guido. *Caballero*, Alicante, Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2000, Edición digital basada en la de Buenos Aires, Editorial Sudamericana, 1987).

(50) *Que se volvían ariscas con el papá de la criatura. Por eso él no se preocupó demasiado cuando a Rafaela le dio por **ponerse antipática**.* (Riquelme de Molinas, Yula. *Bazar de cuentos*, Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, Alicante, 2000, Edición digital basada en la de Asunción (Paraguay), Arandura, 1995).

Quanto à nova característica assumida pelo sujeito podemos notar um traço distintivo entre mudança de estado e de qualidade, no que diz respeito à reversibilidade da mudança. Quando falamos em reversibilidade, estamos nos referindo à possibilidade de retorno ao estado ou qualidade anterior à mudança expressa no enunciado. A mudança de qualidade parece sempre tender a ser mais duradoura e, portanto, menos reversível, enquanto a mudança de estado tende a ser mais momentânea, logo mais reversível. Em (46), por exemplo, temos um *ponerse viejo* que instaura a idéia de mudança gradual, progressiva e irreversível, noção compartilhada por um grande número de pessoas em muitas culturas. Em (47), (48) e (49) encontramos uma mudança referida a uma situação, ou seja, a uma entidade inanimada, razão pela qual não cabe a instauração da nova característica como efeito de uma ação do sujeito, mas que se estabelece a partir de um ponto de vista alheio – uma alteridade – que detecta a mudança atribuída à situação. A mesma alteridade⁵² que detecta a mudança e avalia a nova característica ou estado, é a que detecta a volta ao estado anterior, ou ainda a passagem a outro estado.

Em (50) *ponerse antipática* encontramos uma mudança de qualidade vinculada a um sujeito humano que passa a assumir a antipatia como uma característica de seu caráter, não de uma forma pontual e intermitente, mas que tende a estabelecer-se como uma constante que pouco tende a reverter-se.

- **Estabelecimento de ocorrências:** Há enunciados em que o sentido predominante estabelecido por *ponerse* não é o de mudança, mas o de um acontecimento.

Existem, além das acima apresentadas, outras relações predicativas relacionadas a *ponerse*, que não se referem à mudança de qualidade/estado/posição propriamente dita,

⁵² De forma geral, a questão da alteridade relacionada às qualidades sempre está presente, pois os valores expressos pelos atributos são variáveis de uma cultura para outra.

mas referem-se ao ato de um sujeito gramatical colocar algo em si (porque geralmente é um ser animado) ou em outro/algo.

(51) *Se había olvidado de **ponerse zapatos**.* (Rodríguez Alcalá, Guido. *Cuentos*, Alicante, Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2000, Edición digital basada en la de Asunción -Paraguay, RP Ediciones, 1993).

(52) *No ha vuelto a **ponerse el vestido** de volados.* (Karlik, Sara. *Entre ánimas y sueños*, Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2001).

(53) *Un día olvidó **ponerse la dentadura** postiza, que dejaba de noche en un vaso de agua junto a la cama, y no se la volvió a poner.* (García Márquez, Gabriel. *Cien años de soledad*, Humanities Research Center, Brigham Young University, Provo, UT.).

Nos últimos três enunciados, a forma pronominal que aparece no infinitivo não exclui a possibilidade de flexão para outras pessoas, em decorrência disso a ação pode se expressar de forma não reflexiva, como no caso de que um sujeito exerça ação de colocar algo em outro, e não apenas em si mesmo, o que ocorre no enunciado abaixo:

(54) *Al receptor de papá olvidé **ponerle las pilas** y tuve que darle dinero para comprarlas, y por la tarde fui a los Primeros Auxilios a llevar su cadenilla a Lucía [...].* (Halley Mora, Mario. *Memoria adentro*, Alicante, Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2001, Edição digital baseada na de Assunção-Paraguai, [s.n.], 1989).

Por último encontramos um caso em que *ponerse* se refere à idéia de ocultamento de um astro.

(55) *Y era cierto, desde el amanecer hasta **ponerse el sol** cantaban -y cantan- en los grandes árboles.* (Rodríguez Alcalá, Hugo. *El ojo del bosque*, (Alicante, Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2001, edição digital baseada na de Assunção-Paraguai, Arandura, [s.a.]).

Uma das questões que nos interessou está relacionada ao fato de podermos notar em enunciados como (51) *ponerse los zapatos* a idéia de mudança a partir da construção de uma ocorrência, uma vez que a situação estabelece a bipolaridade entre dois momentos distintos, um em que o indivíduo referido pelo sujeito gramatical “está sem sapatos” e outro em que ele “está com sapatos”. Havendo, portanto, um elemento passível de ser posto e um elemento “postador”, que exerce a ação de pôr. Considerando-se temporalmente a questão, podemos dizer que houve uma mudança, já que é possível constatar a passagem de uma situação inicial, para outra final diferente da primeira: P₁ (sem sapatos) → P₂ (com sapatos).

Além da questão temporal que se atrela à ação expressa por *ponerse*, o estabelecimento de uma exterioridade com relação ao sujeito do enunciado torna-se fundamental nesse tipo de construção. Se compararmos *ponerse los zapatos* com *ponerse triste*, podemos perceber um maior grau de exterioridade com relação a “sapatos” que com

relação a “tristeza”. Em outras palavras, “sapato” é um objeto concebido como um objeto concreto, exterior ao sujeito do enunciado, inanimado e não humano, enquanto “tristeza” é concebida como algo inerente ao interior, +humano e +animado.

Sendo assim, formulamos a hipótese de que quanto mais interiores ao sujeito forem os elementos envolvidos na construção com *ponerse* e quanto menores forem as marcas de agentividade, maior será a identificação do processo como resultado de uma mudança. O contrário, ou seja, quanto maiores forem as marcas de um agente e de sua exterioridade, menos identificaremos o processo de mudança de estado ou qualidade na construção com *ponerse*⁵³. Esta hipótese parece confirmar-se ao identificarmos o processo de discretização em enunciados como (51), (52), (53) e (54), pois, tomando um exemplo, em *ponerse los zapatos* há uma ocorrência discreta, sem tantas marcas de processo, porém com a possibilidade de suputação, no sentido em que o sapato posto pode vir a ser retirado, voltando-se à situação anterior. Além disso, notamos que a relação agentiva expressa em *ponerse los zapatos*, no leva à idéia de ação de um sujeito; logo *ponerse* em ocorrências discretas tende a representar ações/acontecimentos e não mudanças de estado/qualidade.

A relação de exterioridade com relação ao sujeito, comentada acima, é percebida também em (39) *ponerse a escribir* como a expressão do início de uma ação (P₁: não escrever / P₂: escrever), havendo nesse enunciado marcas de agentividade com um resultado observável (o resultado do processo da escrita), pois é algo passível de ser visto e não se dá apenas no interior do sujeito. Queremos reforçar que as ocorrências discretas tendem a ser reconhecidas como ações desvinculadas da noção de mudança de estado ou qualidade, ou seja, *ponerse* em ocorrências discretas tende a ser visto como um verbo semanticamente pleno e não verbo suporte de um atributo.

Neste momento nos parece propício esclarecermos a categorização dos verbos em plenos e suporte em relação à teoria que aplicamos. Os verbos, de maneira geral⁵⁴, designam processos e, pelas flexões, marcam também tempo, pessoa, modo e aspecto. Do ponto de vista da gramática descritiva, a estabilidade na interpretação de formas verbais depende dessas marcas de flexão e das co-ocorrências com outras formas, de maneira que há uma composição de ordem morfológica e sintática, atuando na interpretação que temos das formas verbais nos enunciados. Já na Teoria das Operações Enunciativas, as diferentes predicções de um verbo desencadeiam ocorrências de formatação densa, discreta ou compacta e a distribuição nessas três formações pode associar-se ao funcionamento de

⁵³ No capítulo 3 essa questão será retomada e ampliada ao falarmos de verbos plenos e verbos suporte, com relação à construção de ocorrências.

⁵⁴ Estamos cientes de que essa definição tradicional de verbo como “designador de processo” em oposição a nome, como “designador de entidade (pessoas ou coisas)” é redutora, mas como neste trabalho não nos dedicamos à discussão dos conceitos mais específicos da categoria verbo, nos limitamos a citar esse conceito, pois isto não terá repercussões sobre nosso trabalho.

um verbo enquanto suporte de um atributo ou enquanto um verbo semanticamente pleno. Para nossa análise, o que é relevante dessa distribuição traz é o fato de confirmar a idéia de que *hacerse* e *ponerse*, quando verbos plenos são formatados discretamente (*ponerse los zapatos*) e, quando funcionam como verbos suporte, formatam-se de forma densa (*ponerse triste*) ou compacta (*ponerse viejo*).

As observações que acabamos de fazer, somadas a classificação acima dos enunciados com *ponerse*, se completarão com as duas questões vindouras: aspecto e diátese.

3.1. Aspecto

De acordo com Zavaglia (cf. 2002:34-35), numa situação enunciativa, em que uma relação predicativa⁵⁵ é situada espaço-culturalmente, várias operações participam na produção dos enunciados, as quais dizem respeito às categorias da determinação, da diátese, da modalidade e do aspecto. A pesquisadora, com base nos conceitos de Culioli, afirma também que o aspecto se constrói de acordo com a constituição da léxis e da relação entre léxis e uma dada atitude (cf. *ibidem*).

Faz-se necessário, para esclarecermos o conceito de aspecto, lembrar o de léxis anteriormente apresentado, segundo o qual o esquema de léxis conduz à seguinte relação: $\langle \varepsilon^0 \varepsilon^1 \pi \rangle$, em que ε representa uma variável. Zavaglia (cf. *idem*:45) explica que na léxis há três lugares vazios a serem preenchidos: um termo de partida, ε^0 , um termo de chegada, ε^1 , e um termo que representa o relator ou operador de predicação, π . Neste sentido a léxis é preenchida por três noções e não por três palavras ou termos construídos. A estudiosa, citando Culioli, adverte que:

Os lugares vazios da léxis, que não deve ser confundida com a estrutura profunda de um enunciado e que é um esquema gerador de enunciados orientado a partir da relação primitiva, não são preenchidos ao acaso, pois a léxis será “o suporte das operações de modalidades que entram na constituição de famílias de paráfrases, daí o nome de gerador” (Culioli, 1976, p.83), e poderá gerar enunciados na voz ativa e na afirmativa, na voz ativa e na negativa, na voz passiva e na negativa, entre outros (cf. Zavaglia 2002:45).

No estudo de *ponerse* a categoria do aspecto nos interessa no sentido em que nos aproxima das subcategorias com as quais se relaciona: os modos de processo, as modalidades, a quantificação e a qualificação, a diátese e a topologia do tempo. No pacote de relações⁵⁶

⁵⁵ Lembramos que a predicação ou relação predicativa a que nos referimos é aqui entendida nos moldes da teoria culioliana, como a possibilidade de que uma noção se relacione a outra(s).

⁵⁶ Utilizamos aqui o termo “pacote de relações” estamos nos baseando na definição de léxis que apresenta Zavaglia, a partir de Culioli (1976:60-61): “Um esquema com uma instanciação dos lugares do esquema de tal

que aparecem nos enunciados, detectamos, a partir da noção cultural de mudança, a passagem de um estado/qualidade/posição inicial, para outro estado/qualidade/posição havendo, desta forma, uma passagem ou transformação que se opõe a estabilidade ou a permanência em determinada noção.

Segundo Correia, enquanto as classes de palavras estão associadas às noções lexicais, as marcas gramaticais estão associadas às noções gramaticais próprias de cada língua e, por seu lado, as noções complexas são os resultados da instanciação de um esquema de léxis, definido como uma categoria pré-enunciativa (cf.s/d:2). Podemos ilustrar, portanto, como ficam os seguintes esquemas de léxis complexas⁵⁷ para duas das relações predicativas presentes nos enunciados do nosso *corpus*:

(27) [...] *se inclinó, una vez restablecido el silencio, para ayudar a Cordelia a ponerse de pie.*
 < Cordelia, Cordelia, poner >
 < Cordelia, de pie, poner >

(47) *Sin dinero nada es sencillo. Medio carcamales y de a pie, la cosa se pone difícil.*
 < cosa, cosa, poner >
 < situación/causa, cosa difícil, poner >

Notamos que os esquemas de léxis nos possibilitam ver como se estabelecem pares de elementos que entram em relação entre si. Os esquemas propostos acima nos permitem observar que há alguma semelhança com relação ao primeiro esquema para os fragmentos (27) e (47), em que o relator estabelece uma transformação entre um estado inicial de *Cordelia* e um estado final de *Cordelia* e entre um estado inicial de *la cosa* e um estado final de *la cosa*, sendo que o resultado final tanto num caso como no outro, é diferente daquele inicialmente estabelecido. Isto é, antes tínhamos “Cordelia não em pé” e “cosa não difícil” e passamos a ter “Cordelia em pé” e “cosa difícil”. O segundo esquema de léxis nos permite ver, no entanto, que há uma diferença nas relações marcadas por *ponerse* que diz respeito a uma distinção de agentividade. No caso de *Cordelia*, há ação da mesma no processo de *ponerse de pie*. Já no caso de *la cosa se pone difícil*, a *cosa* não participa no processo como agente, está apenas como afetada, pois existe uma causa ou situação que desencadeia o processo⁵⁸. Desta forma, vemos como o conceito de léxis é importante para nosso trabalho, pois nos permite observar e comparar nossos enunciados a partir de uma descrição que considera cada relação que se estabelece entre os componentes de tais enunciados. Além

maneira que isso nos dê, não um enunciado diretamente, mas um pacote de relações de forma que isso possibilite, em seguida, diferentes enunciados que pertençam a uma mesma família parafrástica”. (apud. 2002:44-45). Essa definição já foi apresentada ao falarmos de determinação, mas nos pareceu propício retomá-la para esclarecermos que estamos considerando-a neste momento.

⁵⁷ Zavaglia classifica como léxis complexa aquela que indica uma relação entre léxis que em relação entre elas forma um metaenunciado capaz de gerar *n* enunciados (cf. 2002:47).

⁵⁸ Antecipamos que estamos tocando em questões de diátese.

disso, o esquema de léxis nos permite considerar *ponerse* como um marcador que desempenha relações diferentes em cada esquema, não sendo necessário fazermos uma análise que estude separadamente o *se* que o acompanha como um segundo marcador. Logo, as distinções de aspecto, modalidade, determinação e aspecto, vistas a partir dos esquemas de léxis, revelam de forma sistemática o que nos estudos gramaticais descritivos aparece como algo da ordem da semântica.

Apresentado o conceito de léxis, fundamental para nossas colocações a partir de agora, nos deteremos na questão do aspecto e para tanto apresentamos as colocações de Zavaglia, segundo as quais Culioli apresenta a progressão e o estado como duas entre as várias questões aspectuais (cf. 2002:35). A progressão, enquanto desenvolvimento, crescimento, continuidade, está relacionada às delimitações das zonas e da fronteira de um domínio nocional, em que se vislumbram dois pontos distintos, um em cada zona construída (cf. *ibidem*). Em *se puso triste* podemos dizer que há um ponto dentro da zona de tristeza P, pois o marcador extrai da noção uma parte e isto permite que haja a possibilidade de que se saia desta zona; seja pela intervenção de um fato repentino, seja por um processo gradual em que – “(cada vez) menos triste” – no qual se produza uma aproximação à fronteira até que se chegue a um ponto que já não pertence ao campo nocional da tristeza, ou seja, uma noção P’.

Zavaglia afirma que quanto ao estado, ou à mudança de estado, pode haver reflexões que decorrem tanto das **noções**, quanto da **relação primitiva**⁵⁹ e das **situações** (cf. 2002:36). E também acrescenta que podemos então entender que qualquer acontecimento estabelece pelo menos dois pontos distintos, um anterior ao acontecimento expresso no enunciado e outro posterior, o que não impossibilita que haja concomitância de um desses pontos com o próprio acontecimento (cf. *ibidem*). No exemplo dado pelo próprio Culioli, e que já apareceu citado neste capítulo⁶⁰, *La tasse est cassée* (a xícara está quebrada), temos a passagem do estado de “não quebrada”, “inteira”, para o estado de “estar quebrada”, “em pedaços” ou “sem um pedaço”, cujo fato em pauta é “estar quebrada”. Observamos, portanto, que a mudança de estado está intimamente ligada à questão da delimitação das zonas (P e P’) e da fronteira, ou seja, à progressão.

⁵⁹ Falamos aqui de relação primitiva, mas queremos aproveitar esse momento para apresentar além de sua definição, o que Zavaglia diz a respeito das demais relações lingüísticas:

Além da relação predicativa, existem duas outras relações lingüísticas. Ao todo, as relações são três: a relação primitiva, a predicativa e a enunciativa. A relação primitiva se dá entre duas noções, uma origem e um objetivo, por meio de um relator que ordena a relação. A relação predicativa é representada por uma léxis que será instanciada por duas noções e um relator de predicação que orienta a relação. De uma só léxis pode derivar uma família de paráfrases, cujas montagens diferentes são respostas a situações ou contextos diferentes. Finalmente, a relação enunciativa, que é o texto construído, é restringida pelas relações primitiva e predicativa. Na relação enunciativa existirá o problema do posicionamento. Essas relações dizem respeito à própria verbalização do pensamento (2002:40-41).

⁶⁰ Os exemplos são citados por Zavaglia (2002:35) a partir de Culioli (1999a 145-158).

Além disso, de forma complementar, Zavaglia, a partir de Culioli afirma que a mudança de situação se dá conforme a **diátese** construída no enunciado, pois pode dar-se pela ação de um agente ou não, isto é, a ação agentiva nem sempre é obrigatória para que se tenha uma progressão ou estado. Em nossos enunciados, com os relatores *ponerse*⁶¹ podemos encontrar ambos os casos: a idéia de progressão não agentiva e de progressão (cf. idem:35).

Reconhecemos, por exemplo, variações diatéticas em *ponerse triste*, *ponerse a gritar*, *ponerse en pie*, *ponerse la dentadura*, o que demonstra que a mudança de estado que se instaura realmente depende de um feixe de fatores atrelados à situação, à noção e à relação primitiva. Em *ponerse triste* a mudança não tem participação de um agente, pois não corresponde a um gesto, mas ocorre por ação de uma causa ou acontecimento externo que estabelece o processo de “entristecimento”, sem que haja participação voluntária do sujeito nesse processo. O estado que se estabelece tende a ser provisório, pois se pode passar de um momento a outro a estar “não-triste”, pela intervenção de novos fatos que substituam ou anulem o estado de tristeza.

- triste ↔ + triste

Ponerse a llorar (começar/pôr-se a chorar) nos permite ver duas relações distintas com a situação enunciativa. Uma em que há ação agentiva, quando o sujeito tem a iniciativa de chorar por querer demonstrar tristeza, desespero, sofrimento, ser notado, fazer barulho, entre outras possibilidades. Já a outra, refere-se ao choro como ação resultante de uma causa externa que o provoca, ou seja, chorar é uma reação sobre a qual não se tem total controle.

Ponerse en pie e *ponerse la dentadura* evidenciam uma ação em que há agentividade, marcada por uma exterioridade observável, pois é possível identificar que alguém que não estava em pé, passe a estar e de que alguém que não estivesse usando uma dentadura passe a tê-la colocada em si em outro momento. A motivação pode variar, mas a ação marcada nos permite ver que a ação é praticada por aquele que sofre os efeitos da ação. Só a situação pode esclarecer se houve coação para que se efetivasse o gesto ou se é o resultado de um impulso próprio e voluntário.

Em *ponerse la dentadura*, a voz reflexiva nos permite ver essa dupla mão do sujeito que é, ao mesmo tempo, agente e paciente, o que não se confirma em *ponerse triste*, já que, neste caso, tenho apenas um receptor e não um agente. No entanto, num enunciado

⁶¹ Queremos destacar que, ainda que estamos falando do marcador *ponerse*, a idéia de progressão agentiva e não agentiva também pode aparecer em enunciados com *hacerse*, o que será comentado no capítulo 3.

do tipo *La noticia lo puso triste*, a relação que se estabelece é outra, porque o fator entristecedor aparece explícito: a notícia.

Novamente tocamos a questão do grau de maior ou menor exterioridade do acontecimento com relação ao sujeito, pois parece que quanto +exterior ao sujeito é a mudança, maior o grau de agentividade do mesmo e quanto +interior, maior a passividade do sujeito do enunciado.

agentividade			passividade
+ exterioridade	_____		- exterioridade
ponerse	ponerse	ponerse	ponerse
la dentadura	en pie	a llorar	triste

Quando falamos de “exterioridade”, temos que ter claros os dois sentidos em que essa idéia aparece em nosso trabalho. Quando falamos em noção, temos o esquema em que fica estabelecido o interior e o exterior da noção, conceito que apresentamos no início deste capítulo. Já a exterioridade à qual acabamos de nos referir na representação acima, diz respeito à exterioridade com relação ao sujeito do enunciado, e é nesse ponto que vemos de maneira mais forte as questões de diátese como um dos elementos que participa no feixe de insumos que compõem os enunciados que analisamos. Agora fica mais claro que ao analisarmos os enunciados, nosso olhar se volta para a relação predicativa que envolve um relator ou operador de predicção do tipo */ponerse/* e */hacerse/*.

Ao trabalhar com aspecto fomos observando questões relativas à diátese porque como já sabemos a teoria não vê essas categorias como estanques, por isso também é preciso abordar aqui também a questão temporal e da determinação. Segundo Zavaglia, orientada pelas idéias de Culioli, ao situarmos espaço-temporalmente uma relação predicativa de forma quantitativa (com a construção de uma ocorrência) e qualitativamente (com a categorização dessa ocorrência) temos o aspecto ligado aos processos perfectivos, imperfectivos⁶² e à determinação do complemento (cf. Zavaglia 2002:35).

Devemos considerar também a relação de anterioridade e posterioridade, que se estabelece na medida em que a transformação postula dois parâmetros, um anterior e outro posterior ao processo de mudança que se expressa. Em Culioli (apud Zavaglia, 2002:36)

⁶² Reconhecemos a importância do tratamento dos processos perfectivos e imperfectivos com relação a *ponerse* e *hacerse*, porém, neste trabalho de aproximação acabamos privilegiando no recorte de nosso *corpus* a aparição de enunciados em sua maioria no infinitivo. Tal recorte não favorece um estudo realmente profundo da questão da temporalidade, uma vez que entendemos que as variações de tempos e modos verbais participam de uma análise aspectual.

isso aparece como uma representação ligada à topologia do tempo, mais especificamente referindo-se à consecução ou diferenciação ($T1 \neq T2$), em que há posterioridade ou anterioridade. Tomando o enunciado (48) *la cosa se pone difícil*, notamos que os limites temporais não aparecem explicitamente no enunciado, mas podemos construir um primeiro ponto temporal, o limite esquerdo na linha reta, dado que num certo momento “a coisa que não era difícil começou a ficar difícil”: $_{- - -]}$ _____. À direita temos um limite aberto, que significa que todo ponto a que fazemos referência está contido num intervalo delimitado a partir do limite da esquerda, já que “a coisa continua sendo difícil”, desde então. Se há, no entanto, a iminência de que a situação deixe de ser difícil em dado momento, poderíamos conseqüentemente fechar o limite da direita, de forma que aceitemos que em dado momento a situação já não é difícil. Se a tal situação difícil for resolvida, ou deixar de existir, teremos o limite da direita também fechado, ou seja: $_{- - -]}$ _____]. Esta parece ser a representação temporal mais adequada para os casos em que *ponerse* refere-se a uma mudança. É possível notarmos também que o limite pode ser fechado em ambos os lados no caso de uma situação entendida como acabada ou temporalmente determinada. É o caso de *Él se puso triste*, em que fica registrada a finalização do processo, já que ele entra diretamente na noção e permanece nela sem a necessária idéia de progressão, apenas de que é algo que pode perdurar por algum tempo.

Para o caso de *ponerse viejo*, encontraríamos limite aberto à direita representando a progressão do envelhecimento ao longo do tempo, mas não teríamos um limite exato à esquerda, pois o processo de envelhecimento tem início a partir da própria noção de existência e só se acaba com o fim dessa existência. O que poderíamos fazer nessa representação, seria o estabelecimento de um recorte do processo de envelhecimento, como “envelheceu muito depois da doença” e “começou a envelhecer quando começaram os problemas”. Ao estabelecermos um início a partir do qual se observa o processo, estamos deixando marcas modais de tempo que acabam por determinar os limites temporais do processo temporal expresso no enunciado. Em outras palavras, as referências dadas no enunciado terão papel preponderante na descrição do conteúdo aspectual da construção.

Ponerse em uma ocorrência discreta pode apresentar limites abertos e fechados alternadamente, pois isso será determinado pela relação temporal da construção. Vejamos que em *me puse los zapatos*, tenho uma ação finalizada e com limites fechados, mas em *Ella sigue poniendo dinero en el banco*, percebemos que não há uma delimitação, mas um intervalo temporal que valida a relação em questão, mediante a associação com outras palavras.

Como podemos notar, as determinações de tempo e espaço, bem como as de diátese e aspecto, às quais chegamos a partir de nossa análise têm como origem a própria situação de enunciação, tal como sintetiza Neves nos seguintes fragmentos de seu trabalho:

Para a teoria enunciativa, identifica-se uma situação de enunciação, definida pelos parâmetros sujeito-enunciador e tempo-espaço da enunciação, que se constituem primitivos teóricos da teoria enunciativa.

Assim a construção da significação se realiza num sistema referencial que é um sistema complexo de coordenadas enunciativas e inclui, em primeiro lugar, a própria situação de enunciação Sit $(S_0, T_0) - Sit_0$, para comodidade de escrita – localizador absoluto, origem de todas as determinações de tempo e espaço construídas na e pela enunciação (2006:46).

3.2. Diátese

Segundo aparece em Zavaglia (2002:37) “a diátese é o estabelecimento de uma ordenação entre duas noções que estão em relação”. Em nosso caso, temos uma relação de transformação marcada pelos verbos *ponerse* e, também, por *hacerse*, que aqui retomamos. Para que isso fique mais claro, recorreremos a três enunciados:

Laura se puso roja. (Laura ficou vermelha)

Ana se puso en pie. (Ana ficou em pé)

Pedro se hizo abogado. (Pedro tornou-se advogado)

O agente transformador, ou o responsável pela transformação é uma causa externa no primeiro caso, pois Laura, que não estava vermelha, passou a estar em determinado momento. A questão da agentividade no processo de transformação é marcada diferentemente no segundo caso, em que o verbo *ponerse*, permite que identifiquemos a idéia de um agente transformador sem explicitar a causa ou motivação para que se instaure a transformação. Em *se puso roja* não há um agente, mas para *se puso en pie* e em *Pedro se hizo abogado* podemos admitir um agente.

Com relação ao “se” que acompanha os verbos nos enunciados propostos para nossa análise, podemos identificar o valor co-referencial ao sujeito. Se em *se puso roja* temos uma construção inacusativa e um sujeito que recebe a ação, portanto não podemos falar em diátese⁶³ reflexiva. Logo, a forma “se” que acompanha o verbo é co-referencial ao sujeito gramatical, inclusive podemos averiguar isso pela flexão pessoal em: *(yo) me puse roja* e *(tú) te pusiste roja*.

De acordo com Zavaglia, as questões de diátese, dentro da teoria de Culioli, tocam idéias relacionadas a agentes, a transformações, a passagem de um estado a outro, enfim, a questões que são marcadas por itens diversos que podem co-ocorrer na realização das

⁶³ Ao falarmos de diátese ativa, passiva e reflexiva, estamos trabalhando com o conceito de voz gramaticalmente marcada no verbo ou em um elemento intimamente ligado ao verbo.

operações de linguagem (cf. 2002:38). A pesquisadora comenta também que na busca por invariantes processuais de funcionamento, essa complexa interligação entre léxico e gramática acaba por demonstrar que “os limites entre o que é do domínio aspectual, modal, da determinação ou da diátese são sutis, sendo por vezes impossível traçá-los lingüísticamente” (ibidem).

Como a diátese e a determinação se relacionam, é interessante ver como Zavaglia apresenta a definição desta (determinação) a partir de Culioli como sendo o resultado de operações de quantificação (QNT) e qualificação (QLT) possibilitadas pelas características da noção, sendo que algumas das propriedades das noções predicadas (discreto, denso e compacto) dão origem a operações de determinação⁶⁴ tais como a extração, a flechagem, a varredura e a localização (cf. idem:32-33). Ao compararmos os fragmentos *ponerse triste* e *ponerse los zapatos*, identificamos maior determinação em *los zapatos* que em *triste*, o que nos leva também a pensar que a maior determinação nos distancia da idéia de mudança, destacando a agentividade, ou seja, partimos de ε_0 para ε_1 por uma relação agentiva. A determinação se dá, não só pela presença do determinante, mas também por termos a referência a algo concreto (discreto), que provavelmente temos ou usamos, por isso somos capazes de imaginar um objeto para a noção cultural de sapato. Reforçamos que as ocorrências discretas com *ponerse* ligam-se mais à agentividade, aos verbos plenos com complemento determinado (*ponerse los zapatos*) e à noção de acontecimento como resultado de uma ação; enquanto as ocorrências densas (*ponerse triste*) e compactas (*ponerse viejo*) aparecem mais ligadas à noção de mudança.

No próximo capítulo faremos inicialmente o levantamento de algumas semelhanças e diferenças com relação aos funcionamentos dos marcadores *hacerse* e *ponerse* focalizando a relação que a modalidade estabelece com as demais categorias gramaticais da Teoria das Operações Enunciativas. E, num segundo momento, vamos nos centrar em observar o que dos funcionamentos dos fragmentos *hacerse viejo* e *ponerse viejo* coincidem e diferem em diferentes enunciados.

⁶⁴ Resumidamente, já que não utilizaremos de forma recorrente tais conceitos, apresentamos uma síntese dos conceitos aqui nomeados:

extração: consiste em extrair da listagem constituída pelas ocorrências abstratas do domínio nocional da noção uma ocorrência em particular; **flechagem:** consiste em identificar uma ocorrência posterior de determinada noção a uma ocorrência anterior; a **varredura:** consiste em efetuar um percurso na listagem de ocorrências abstratas da noção ou domínio nocional sem no entanto extrair nem identificar nenhuma delas; **localização:** diz respeito à operação de **identificação** a partir da qual imaginamos uma ocorrência p pertencente ao domínio nocional P/P' e a operação de **diferenciação** que consiste em explicitar que determinada ocorrência de determinada noção não possui as propriedades que localizo com relação a P, mas sim com relação a seu complementar P' (cf. Zavaglia 2002:59-60).

CAPÍTULO III

PONTOS EM COMUM E DEMARCAÇÕES ENTRE HACERSE E PONERSE

Todos os conceitos anteriormente discutidos se complementam e se completam também com a série de conceitos que apresentaremos no presente capítulo. Em outras palavras, nossa trajetória segue um movimento de afunilamento, na qual partimos da identificação das características gerais do funcionamento de *ponerse* e *hacerse* enquanto evento da linguagem, seguida da classificação do nosso elemento de análise como marcadores e da identificação da relação de nossos enunciados com as classes gramaticais estabelecidas por Culioli – a saber: diátese, determinação, aspecto e modalidade. Vimos até então como a diátese, a determinação e o aspecto atuam de maneira simultânea e complementar em nossos enunciados. Agora chega a vez da modalidade, que traz à tona duas questões em especial: a asserção e a apreciação.

Neste capítulo apresentaremos os conceitos da Teoria das Operações Enunciativas referentes à categoria da modalidade, a partir dos quais nos deteremos a estudar detalhada e comparativamente o funcionamento de *hacerse viejo* e *ponerse viejo*. Para esse olhar focalizado, retomaremos enunciados provenientes do *corpus* já apresentado, o qual receberá um complemento retirado do *site* de buscas Google, ferramenta que nos permitiu ver de forma mais incisiva um conjunto de ocorrências similares a partir das quais elaboramos uma análise que veja a modalidade como um fator distintivo para *hacerse viejo* e *ponerse viejo*. Justificamos também, que tal ferramenta foi utilizada por representar uma forma rápida de acesso a quantidades consideráveis de ocorrências em língua espanhola.

Correia explica que a aparelhagem teórica proposta por Culioli e analisada por Auroux, permite centrar a análise das formas lingüísticas seguindo aquilo que Auroux (1992, apud Correia s/d-7-8), chama de “princípio da discernibilidade” (cf. *ibidem*).

- (i) se, num dado contexto, há duas formas diferentes, isso significa que essas formas são marcadores de duas operações diferentes;
- (ii) se, em contextos diferentes, a mesma forma tem valores diferentes, isso significa que cada uma das ocorrências dessa forma é marcador de, pelo menos, uma operação diferente (*idem*:8).

Assim, de acordo com as observações de Auroux (1992, apud. Correia, s/d:8) poderemos aceitar que é o ‘princípio de discernibilidade’ o que restringe o valor dos marcadores com os quais trabalhamos, definindo a estabilidade das formas, mesmo quando sujeitas a deformabilidades contextuais.

Hacerse viejo e *ponerse viejo* parecem demonstrar o que os dois itens do princípio que acabamos de citar explicitam, pois em alguns contextos funcionam como sinônimos⁶⁵ e em outros representam valores diferentes.

Ao longo de nossa pesquisa pudemos observar que tanto *hacerse* como *ponerse* podem apresentar funcionamentos discretos, densos e compactos vinculados às categorias da diátese, da determinação e do aspecto, o que podemos apontar como uma semelhança em seus funcionamentos; porém, para tentar explicitar as diferenças desses dois marcadores, reservamos a categoria de modalidade, que passamos a tratar a seguir.

1. Modalidade

*Hacerse viejo es inevitable; hacerse pesado, opcional*⁶⁶.

Para iniciarmos a discussão de como a modalidade, segundo a teoria de Culioli, pode nos ajudar a desvendar o funcionamento de *ponerse* e *hacerse*, decidimos – como já observamos – lançar mão de um *corpus* mais adaptado às necessidades de manipulação que surgem neste capítulo. Pudemos ver ao longo deste trabalho que a teoria nos permite descrever com plasticidade o funcionamento desses dois marcadores, mas uma questão do conjunto que nos propusemos a trabalhar nesta dissertação ainda nos inquieta: a questão da alternância entre as construções *ponerse viejo* e *hacerse viejo*. É certo que existem essas duas possibilidades para expressar o processo de envelhecimento, mas também acreditamos que entre elas exista uma diferença quando contrastadas. Na tentativa de confirmarmos esta última afirmação, decidimos selecionar um *corpus* a partir do qual pudéssemos explorar o que elas têm de semelhante e o que diferencia uma da outra. As descrições de *hacerse* e *ponerse* apresentadas no capítulo anterior parecem indicar que algumas respostas para nosso questionamento encontram-se nas questões modais. Em vista disso, arriscamos dizer que *hacerse viejo* e *ponerse viejo* podem ser sinônimos em enunciados do tipo:

(1a) *A los 36 años gané el concurso para proyectar la Biblioteca de París y me hice viejo de repente, porque un arquitecto es viejo a partir del momento en que construye un edificio que es reconocido en el mundo* (<http://www.e-barcelona.org/index.php?name=News&file=article&sid=5307>).

(1b) [...] *me puse viejo muy de repente y ya no tengo nada que ofrecer...*) *al paso de cualquier animal extinto al ritmo de cualquier animal erguido...* (www.wanderlustmedia.org/archives/2003_09_01_wanderlustmedia_archive.html).

⁶⁵ Estamos conscientes aqui que em termos de sinonímia lexical não existem sinônimos perfeitos, mas em alguns casos de paráfrases, pode haver alternância entre as duas formas.

⁶⁶ Disponível em: <http://foros.softonic.com/showthread.phtml?p=462975>

(2a) *Uno empieza a **ponerse viejo** cuando te empiezan a invitar a los primeros bautizos* (http://www.lukor.com/humor/textos_cuandoviejo.htm).

(2b) *Creo que uno empieza a **hacerse viejo** cuando le mandan por correo cosas como esta y le gustan, le hacen sonreír y quiere compartirlas (...)* (<http://contrapuntos.blogia.com/2008/020901-hacerse-viejo.php>).

Em (1a) e (1b) os enunciados se referem a um envelhecimento “reconhecido” como precoce devido a certas circunstâncias, pois tomam outros acontecimentos como parâmetros para a classificação na categoria /velho/. Em (2a) e (2b) da mesma forma existem parâmetros vinculados a outros acontecimentos que caracterizariam o início do processo de envelhecimento. Não parece haver, portanto, muita distinção entre *hacerse* e *ponerse* nos enunciados apresentados acima. Podemos entender que a idéia de envelhecer que fica registrada nas relações predicativas <*hacerse viejo*> e <*ponerse viejo*> funciona como uma espécie de preconstruto, já que o processo de envelhecimento está atrelado à noção de existência: tudo e todos envelhecem a partir do momento que passam a existir e deixam de envelhecer quando já não existem. Nesse sentido, segundo Zavaglia (cf. 2002:43), que toma como base conceitos de Culioli (1985:64): “pode-se dizer que um elemento é um preconstruto quando ele permite ou provoca o retorno a uma forma”. A pesquisadora ainda acrescenta que a relação primitiva estabelece relações entre as propriedades das noções que podem dar conta da complexidade do problema e, nesse sentido, a relação primitiva já seria um preconstruto por sua capacidade de representar formas (cf. *ibidem*).

Esse funcionamento, de alguma forma, aparece explicitamente no fragmento da epígrafe com a qual iniciamos este item: *Hacerse viejo es inevitable*. Há aí a explicitação do reconhecimento de um elemento (a noção da velhice) como preconstruto. A asserção se dá nesse caso, em que o “envelhecer” é um elemento “dado”, compartilhado culturalmente por todos e que já está colocado independentemente do valor modal que lhe é agregado no enunciado: tornar-se velho é um componente da natureza humana dentro de um conjunto de características físico-culturais às quais /*viejo*/ remete. Da mesma forma que é denotativamente aceitável o enunciado “A chuva molhou o menino”, mas não “O menino molhou a chuva”*, o preconstruto estabelece certa ordem nocional culturalmente marcada e ao mesmo tempo não permite que, na direção contrária, certas idéias sejam aceitas.

Para trabalharmos e observarmos as diferenças entre *hacerse* e *ponerse* sentimos a necessidade de colocar como Zavaglia sintetiza o posicionamento de Culioli a respeito do procedimento de observação das ocorrências:

A observação das ocorrências fenomenológicas permite assim ao indivíduo construir a noção. Estando a noção construída, de certa maneira estabilizada, mas sempre possibilitando uma ampla plasticidade, o indivíduo poderá discutir sobre ela e dizer: *isso para mim não é um cachorro, que cachorro, isso é o que eu chamo de cachorro*, entre outros. Essas últimas ocorrências de cachorro seriam então as chamadas ocorrências abstratas da noção,

Isso significa que o movimento que temos é o de entrada numa noção. Por exemplo, alguém que não esteja triste passa a estar (*se puso triste*), e que a entrada no novo estado é impulsionada por um fator externo à noção em questão, por exemplo, um acontecimento desagradável ou adverso (morte, doença, despedida, decepção). O elemento externo corresponde a uma causa, um desencadeador do acontecimento. Ao falarmos de exterioridade e interioridade, estamos pensando na noção, o que pertence a ela está no seu interior P e aquilo que não lhe pertence está em seu exterior P', o elemento desencadeador da mudança é, portanto, alheio a ela.

A forma pronominal já prevê a dupla de elementos, num movimento de mão única, em que aquilo que desencadeia a mudança/ação não recebe seus efeitos; mas aquele que recebe os efeitos da ação é o que se vê afetado pela resultante de tal acontecimento.

A partir de um enunciado já apresentado no capítulo 2, podemos ilustrar a ocorrência desses quatro elementos:

(a) *Luisa se puso blanca con la noticia.* (Luiza ficou branca com a notícia).

- Elemento impulsor: la noticia
- Elemento que sofre ação: Luisa
- Elemento resultante: <Luisa blanca>
- Noção em que se entra: /blanca/

Para aplicarmos o mesmo esquema a um enunciado com *hacerse*, selecionamos o enunciado abaixo;

(b) *La política lo hizo un hombre rico.* (A política fez dele um homem rico).

- Elemento impulsor: la política
- Elemento que sofre ação: lo (ele)
- Elemento resultante: <hombre rico>
- Noção em que se entra: /rico/

O interessante do esquema que acabamos de apresentar é que ele evidencia a questão da **fronteira** e sobre esse assunto gostaríamos de introduzir uma observação que se refere ao modo como essa fronteira se relaciona com os marcadores *hacerse* e *ponerse*, pois nos parece que pode ser diferente. Em enunciados como *Se puso triste* e *Se puso los zapatos* podemos notar que há uma **passagem pela fronteira** que discretiza as noções por extrair delas uma ocorrência de “tristeza” e de “sapatos”. No caso de *hacerse*, não temos uma mera passagem rumo a P, pois **a relação com a fronteira parece estender-se rumo ao centro**

atrator, o que caracteriza a idéia de progressão em direção a noção: *hacerse un caldo e hacerse sacerdote*.

Como dissemos no capítulo 2, a progressão e o estado são questões aspectuais que se relacionam com a delimitação das zonas P, P' e da fronteira, uma vez que o desenvolvimento, o crescimento e a continuidade sempre nos darão a idéia de existência de pelo menos dois pontos distintos em cada zona constituída no domínio nocional. Em *Luiza se puso triste con la noticia*, vemos que há uma ocorrência de tristeza, o que marcaria a passagem, ou melhor, o atravessar a fronteira que separa P (tristeza) de P' (não tristeza). No caso de *Se hizo experto en el tema* vemos que ainda que tenhamos também um P (especialidade) e um P' (não especialidade), a relação com a fronteira é de outra ordem, pois há um processo (as etapas e experiências que levam alguém a tornar-se especialista, por exemplo) que conduz de P' (não especialista) para P (especialista). Em outras palavras, a relação não é apenas de travessia pela fronteira, mas de certa progressão em direção ao centro de atração da noção.

2. Diferentes modalidades

*“Ayer me hice viejo de golpe.
Queridas, siento decepcionaros un poquito,
pero no queda más remedio que contaros lo que me pasó ayer”⁶⁸.*

Segundo Neves, a modalidade ou valor modal de um enunciado é, na Teoria das Operações Enunciativas, o resultado da localização da relação predicativa⁶⁹ com relação ao sujeito da enunciação; sendo que essa operação vai caracterizar o ponto de vista do enunciador sobre aquilo que enuncia assumindo o conhecimento construído ou se distanciando dele, dependendo do valor modal que lhe vai atribuir (cf. 2006:71). A estudiosa lembra que é importante destacar que sempre que assume uma relação predicativa, o enunciador modaliza um enunciado, logo a operação de construção de valor modal pode exprimir diferentes tipos de relação entre o enunciador e a relação predicativa, operando sempre em dois planos: a relação do enunciador com o conteúdo que ele diz e a relação do enunciador com o co-enunciador (cf. idem:71-72). A mesma pesquisadora reforça que a modalidade é uma categoria gramatical que afeta o enunciado como um todo e como incide sobre qualquer termo, pode ser marcada por um verbo, advérbio, adjetivo, etc. (cf. ibidem).

⁶⁸ (http://blogs.hoymujer.com/index.php/yokolandia2007/09/18/ayer_me_hice_veijo_de_golpe. (Acesso em 07/07/2008).

⁶⁹ Lembramos que, de acordo com Zavaglia, a relação predicativa indica a relação entre representações e que ao produzir um enunciado qualquer, estamos construindo uma relação predicativa que não é verdadeira nem falsa, se não estiver inserida numa situação enunciativa (cf. 2002:25).

Orientando-nos pelo trabalho de Zavaglia (2002: 33-34) e Neves (2006:72-76), apresentamos os quatro valores modais aos quais chega Culioli:

- Modalidade 1: categorias de asserção (afirmação, negação, interrogação);
- Modalidade 2: categorias do certo/não certo, provável, necessário, possível, contingente;
- Modalidade 3: marcadores apreciativos, como infelizmente, claro que;
- Modalidade 4: valores complexos que dependem da relação entre sujeitos, como o deôntico (é preciso, deve-se), o querer e a permissão em que há uma relação entre dois sujeitos.

Quando pensamos em enunciados como:

- (a) *Pedro se puso en pie.*
- (b) *Pedro no se puso en pie.*
- (c) *Pedro debe de estar en pie.*

Identificamos a construção de um enunciado, numa determinada situação de enunciação em que o enunciador assume positiva ou negativamente uma relação predicativa, aproximando-se ou distanciando-se do conhecimento que está construindo (cf. Neves 2006:73).

Em <*Pedro poner [se] en pie*>, em que há a validação de uma relação predicativa, temos no plano enunciativo, uma asserção estrita positiva. Por outro lado, em (b) a asserção é estrita negativa. Lembramos que os enunciado (a) e (b) são do domínio do certo, pois no domínio do não-certo não encontramos referências que validem a relação predicativa, como no caso de (c). Segundo Neves (ibidem), no intervalo entre o pólo negativo (domínio do *não-certo*) e o pólo positivo (domínio do *certo*), há uma escala de valores modais, que permite evidenciar o conhecimento que o enunciador tem para poder assumir a validação da relação predicativa. Para o exemplo (c), verificamos que o verbo *deber* assinala que o enunciador não tem informações seguras para validar totalmente a relação predicativa, dispondo apenas de algum conhecimento, o que na escala de valores modais estaria no domínio do *quase-certo*.

A outra modalidade que nos interessa é a apreciativa, que

[...] ocorre quando o enunciado constrói um juízo de valor ou de uma apreciação em relação a uma relação predicativa já validada ou validável, podendo, portanto, ocorrer ou não dependendo da relação que é construída entre enunciador e enunciado (Neves, 2006:80).

Neves, a despeito do que diz Bakhtin⁷⁰ sobre a impossibilidade de se construir um enunciado sem modalidade apreciativa, diz que a Teoria das Operações Enunciativas vê duas formas de construção de valor modal:

1. Incidir a modalização sobre um valor assertivo construído na mesma relação predicativa, como em “Felizmente Paulo aprecia o carro novo”.
2. Validar uma relação predicativa construída numa outra enunciação, como a utilização de uma impessoal do tipo “foi bom que”, “é bom que”, etc. (2006:80).

Como nossas observações se voltam para os enunciados com *hacerse viejo* e *ponerse viejo*, notamos a predominância de uma asserção que sofre modalização a partir de um segundo enunciado associado ao primeiro. Observemos o que acontece no enunciado abaixo:

(56) *Hacerse viejo no es malo, si uno considera las alternativas*. [Ficar velho não é ruim, se considerarmos as alternativas] (<http://www.fotolog.com/pashaso>).

O fragmento *hacerse viejo no es malo* corresponde a uma asserção estrita negativa, enquanto *si uno considera las alternativas* expressa uma condição que torna relativa à asserção inicial. Podemos dizer, então que neste enunciado há um juízo de valor avaliativo vinculado ao segundo caso de construção modal referido por Neves, em que é validada uma relação predicativa e associada a ela aparece uma outra que funciona como marcador modal. A predicação condicional *si uno considera las alternativas* atua como o modalizador da asserção *Hacerse viejo no es malo*.

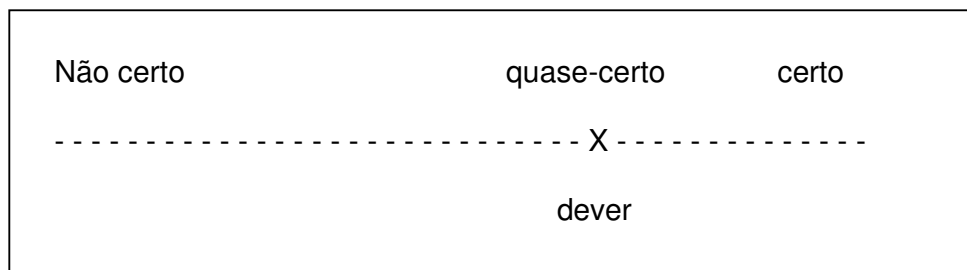
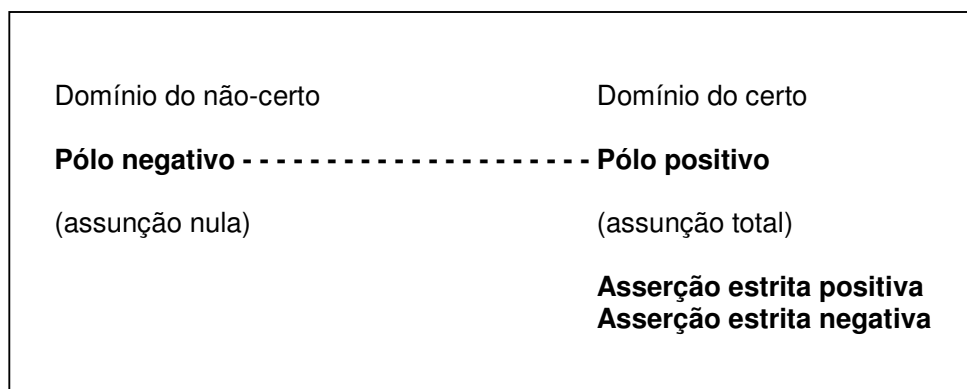
Na asserção, pela presença de um verbo no indicativo, ocorre a validação da relação predicativa, isto é, a construção de um valor modal de asserção estrita. A relação predicativa condicional, por outro lado, pode ser validada ou não-validada, pois não podemos dizer que “se as alternativas para não envelhecer não forem consideradas”, *hacerse viejo* possa vir a ser entendido como algo ruim.

(57) *Hay una cosa peor que hacerse viejo: no hacerse viejo*. (Comentado por Oz divaga 01/6/2006 20:50 www.comopienso.com).

Baseando-se em Campos e Xavier⁷¹, Neves apresenta as seguintes representações gráficas:

⁷⁰ Neves cita a partir de Bakhtin, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*, Hucitec, 1981, p. 64.

⁷¹ Campos, Maria Henriqueta Costa e Xavier, Maria Francisca. *Sintaxe e semântica do Português*, Lisboa, Universidade Aberta, 1991, p. 340, apud. Neves, 2006: 75-76. As autoras portuguesas também propõem a definição dos valores modais em diferentes graus e tipos: modalidade **epistêmica** (tem a ver com o conhecimento que se possui em relação a algum assunto, e dependendo do grau de conhecimento que se tem em relação ao acontecimento pode-se construir enunciados com valor de asserção estrita positiva, asserção estrita negativa ou de assunção nula), modalidade **apreciativa** e modalidade **intersujeitos**.



Em (56) e (57) aparecem formas com asserção estrita negativa e positiva, respectivamente.

2.1. A asserção

A modalidade 1, também chamada de modalidade epistêmica, diz respeito ao conhecimento que se possui em relação a algum assunto, a partir da qual se pode construir enunciados com valor de asserção estrita positiva, de asserção estrita negativa ou de assunção nula, dependendo do grau de conhecimento construído (cf. Neves 2006:73).

Devemos considerar que a **validação** está no plano da relação predicativa, enquanto a **asserção** se refere ao plano enunciativo (Cf. Neves:2006:74). O enunciado assertivo se caracteriza pela possibilidade de se formular uma pergunta cuja resposta seja a própria asserção construída. Assim, para a asserção *Pedro se puso en pie*, podemos ter a pergunta *¿Quién se puso en pie?* que confirmaria seu valor assertivo. Desta forma, a modalidade assertiva se define como validação (asserção estrita positiva – *Pedro se puso en pie / está en pie*) ou não-validação (asserção estrita negativa – *Pedro no se puso en pie*) da relação predicativa, indicando, no domínio do certo, o pólo positivo (cf. ibidem). Vejamos o enunciado:

(58) [...] *aprender a enfermar ayuda mucho a **hacerse viejo** sin problemas; asumir. los contratiempos sin exasperación, aprender a convivir con el dolor, [...]*
www.imsersomayores.csic.es/documentos/documentos/consumer-aprender-01.pdf

Hacerse viejo refere-se assertivamente ao fato de envelhecer e com tal afirmação não estamos querendo averiguar a realidade “fora da enunciação”, apenas estamos dizendo que *hacerse viejo* aparece em situações em que podemos afirmar se é verdadeiro ou falso, positivo ou negativo. Na modalidade 1 o enunciador é o produtor, o organizador e o centralizador do enunciado ainda que haja um interlocutor. Podemos também dizer que houve em (58) a validação de uma relação predicativa no domínio do certo. Moreno (cf. 2002, 579, apud. Neves, 2006:76-77) fala de verbos e predicados de opinião, percepção, probabilidade, intenção ou volição, juízo ou opinião fraca, de forma que podemos ter modalizações marcadas por tais verbos. Sendo assim, podemos também dizer que há um maior grau de assunção em “Eu sei” do que em “Eu acho”. Nessa mesma linha de classificação, inscreve-se o trabalho de Valentim⁷² que fala, por exemplo, de verbo assertivo de opinião e verbo assertivo de conhecimento, os quais podem ser distinguidos a partir de características sintáticas, na explicitude e no caráter inferencial da modalidade epistêmica (cf. 2002:542, apud. Neves 2006:77). Além disso, a mesma autora afirma que o valor de opinião pode também vir expresso sob outras formas lingüísticas como advérbio e opinião, como no caso de infelizmente, realmente, em que além da validação da relação predicativa há marcas de opinião (idem:78).

Percebemos, portanto, que as ocorrências com *hacerse viejo* tendem a aparecer em enunciados assertivos, que podem vir ou não modalizados por outro enunciado a ele associado. A modalização pode incidir sobre um marcador diretamente, mas afeta todo o enunciado. Como dissemos anteriormente, qualquer termo pode ficar incumbido de um valor modal, ou mesmo um enunciado inteiro pode assumir esse papel. Podemos dizer que *Hacerse viejo es inevitable; hacerse pesado, opcional* é um enunciado composto por duas asserções estritas positivas que mostram de maneira marcante como a relação predicativa se preenche de significados pela relação entre seus elementos. Cria-se uma situação em que o paralelismo da construção reflete resultados diferentes. Um jogo de espelhos em que a semelhança da estrutura dos enunciados mostra a diferença de seus sentidos pelos valores dos marcadores que entram em relação entre si.

<Hacerse> r <viejo> = inevitable

<Hacerse> r <pesado> = opcional

Com *hacerse viejo* estamos no âmbito qualitativo, ou seja, não há uma instanciamento quantitativa da noção, estamos falando da noção propriamente dita. Temos aqui uma operação de determinação que leva o nome de varredura, a qual Zavaglia a partir da

⁷² Neves refere-se ao artigo de Valentim, Helena Topa. “Verbos de opinião e verbos de conhecimento”, in: M.H.M. Mateus e C.N. Correia (orgs.), *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Número especial: Homanagem à professora Maria Henriqueta Costa Campos*, Lisboa, Colibri, 2002, 541-547.

definição de Culioli apresenta como a operação que “consiste em efetuar um percurso na listagem de ocorrências abstratas da noção ou domínio nocional sem, no entanto, extrair nem identificar nenhuma delas” (2002:60). No enunciado abaixo podemos perceber bem essa questão:

(59) *¡Qué pena lo de hacerse viejo!* (www.pitodoble.com/2006/11/21/que-triste-es-hacerse-viejo/)

Vejamos agora o seguinte caso, no qual aparece *ponerse viejo*, que não marca uma ocorrência compacta, visto que a pergunta feita em (60) condiciona a condição da velhice a determinado momento ou situação. Poderíamos dizer, neste caso, que temos uma ocorrência que tende à discretização ou à densificação.

(60) *¿Cuándo empieza uno a **ponerse viejo**?* (ayvevos.com/foros/archive/index.php/t-2350.html)

Pensando agora *hacerse* e *ponerse* em relação aos funcionamentos discreto, denso e compacto, vemos que podemos encontrar ocorrências dos três tipos para esses marcadores:

	<i>ponerse</i>	<i>hacerse</i>
discreto	<i>Se puso los zapatos</i> Ocorrência não tão ligada à idéia de processo, uma ocorrência com marcas de QNT, mas com a possibilidade de suputação.	<i>Se hizo un caldo</i> Ocorrência com marcas de um processo.
denso	<i>Se pone triste</i> Apresenta alta possibilidade de suputação.	<i>Hacerse rico</i> Marca a extração de uma ocorrência, podendo-se voltar ao estado anterior.
compacto	<i>Ponerse viejo</i> Visa somente “o que é o caso” (o interior da noção), pois se trata de um preconstruído que não pode ser negado.	<i>Hacerse viejo</i> Como em <i>ponerse</i> , visa-se somente a noção, não havendo agentividade, nem reversibilidade não pode ter o valor de suputação.

Além de levar em conta a questão de que esses marcadores entram em diferentes relações com os funcionamentos discreto, denso e compacto, é preciso observar aqui que a relação com o preconstruído aparece modalizada. Notamos em *ponerse*, de forma geral, uma **tendência à discretização**, ao mesmo tempo em que a passagem da fronteira, como já foi dito no capítulo 2 com relação ao funcionamento deste marcador, parece visar um ponto dentro da noção P.

Centremo-nos agora em *ponerse viejo* e *hacerse viejo*, já que a descrição que apresentamos para cada um deles parece coincidir em muitos pontos. Tomemos dois enunciados:

(61) *Hacerse viejo no es malo, si uno considera las alternativas* (<http://www.fotolog.com/pashaso>).

(62) *Yo me hice viejo demasiado pronto y me retiré a las Bahamas con mis siete cds llenos de software caducado y mis vídeos hentai que duraban por lo menos [...]* (www.pescadosweb.com/cgi-bin/blog/index.cgi?mode=viewone&blog=1171589888)

Em (62) percebemos que, além do preconstruído do envelhecimento humano, temos o preconstruído da passagem do tempo como algo implacável: a preocupação com a passagem do tempo fica bem marcada aí, pois a velhice parece ter chegado rápido demais. Em (61) notamos que a preocupação com a morte como marco do fim do processo de envelhecimento representa – subentendida a partir do termo “alternativas” – a possibilidade de interrupção do contínuo processo de envelhecimento. A construção em condicional também deixa sua marca modal sobre a asserção de que *hacerse viejo no es malo*.

Outras marcas circunstanciais freqüentes nos enunciados com *ponerse* também tendem a modalizar o valor de envelhecer, o que podemos observar nos casos abaixo:

(63) *Yo me puse viejo para los videojuegos desde que tenía como 17 años. Ahora tengo 22 y rejuvenecí a esta edad. Ya que volví a interesarme en las consolas [...]* (www.foros.com.ve/te-haces-viejo-para-los-videojuegos-t384.html)

(64) *Ayer me puse a pensar en eso. Basicamente de lo choto que es cumplir años y ponerse viejo. ... Por lo tanto, considero que ponerse viejo no sirve de nada.* (blog.myspace.com/index.cfm?fuseaction=blog.ListAll&friendID=96336034)

(65) *Uno comienza a ponerse viejo cuando los niños con los que hace poco tenías cierta complicidad ahora te dicen "Señor", te tratan de Usted o peor aun, te dicen 'tío'* (www.juancho.eu/Humor/Enumeraciones/UnComienzaAPonerseViejoCuando.aspx)

Vemos nos enunciados (63), (64) e (65) que a idéia de envelhecimento aparece vinculada a uma circunstância que submete a classificação do processo de envelhecimento a uma dada situação: Deixar de gostar de videogame em (63), fazer aniversário em (64) e ser chamado de senhor ou tio por um garoto (65). Em (64) ainda encontramos a marca de uma apreciação com relação à idéia de envelhecimento que fica marcada por “considero que”.

Neste sentido pensamos que *hacerse viejo* tende a expressar a idéia de envelhecimento propriamente dita, em **situações assertivas numa operação de varredura e, portanto, compacta**. Ao passo que *ponerse viejo*, ao referir-se à mesma noção de velhice, é mais freqüentemente modalizado com marcas de uma apreciação. Essa nossa constatação que fica bem marcada em (64) se confirma também no seguinte enunciado:

(66) *Ponerse viejo, en estos casos es bueno, por que me permite recoger afectos. Ponerse viejo sirve para estos encuentros, con la gente de los Encuentros Corales...* (www.cnagirasoles.com.ar/363/page9.html).

Com este enunciado encerramos a análise desenvolvida com o intuito de detectar a diferença entre *hacerse viejo* e *ponerse viejo*. Porém, antes de terminar este capítulo, para completarmos tal diferenciação, observamos ainda um aspecto que nos parece relevante.

Para tanto, é preciso recuperar o funcionamento de fragmentos tais como *hacerse el tonto* (fingir) e *hacerse un caldo* (preparar), que têm valor de **verbos plenos**, fato que os vincula ao funcionamento discreto. Já em *hacerse viejo e ponerse viejo* encontramos o valor de **verbos suportes** que têm seu valor completado pelo atributo, tendendo, a dois tipos de funcionamento: denso, nos casos em que há modalização, com destaque para os graus de proximidade com relação ao centro atrator (o quanto da noção pode ser extraído); e compacto, quando não há modalização, por visar apenas o interior da noção (quando falamos exclusivamente da noção de velhice).

As questões poucas levantadas nesta dissertação a partir da Teoria das Operações Enunciativas revelaram tanto o refinamento da teoria como sua complexidade. Além disso, permitiu-nos esboçar uma nova maneira de interpretar os funcionamentos dos marcadores *ponerse e hacerse*. Agora, passamos às nossas considerações finais, fazendo um balanço das contribuições da Teoria e uma síntese de nossas descobertas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que este trabalho de pesquisa trouxe à tona três grandes pontos a respeito do que constituímos como nosso objeto de estudo: o funcionamento dos marcadores *hacerse* e *ponerse*.

O primeiro desses pontos tem a ver com a possibilidade de nos desvencilharmos das categorias estanque estabelecidas, sobretudo, como dissemos na introdução e no capítulo 1 desta dissertação, pelas descrições apresentadas nos instrumentos lingüísticos de diversos tipos, que os classificam como *verbos de cambio* – designação esta que aparece, como também dissemos, à luz do contraste com outras línguas que impõe o ensino da língua espanhola como estrangeira. Trabalhar com o conceito de **marcador** representou para nós uma cisão no estudo desses dois verbos, por caracterizar uma desvinculação com as descrições semânticas e gramaticais que se mostram limitadas em momentos cruciais da diferenciação dos funcionamentos desses dois marcadores. Nesse sentido, acreditamos que chegamos a dar um passo a mais na compreensão do funcionamento de *ponerse* e *hacerse*, fundamentalmente no que se refere às questões de **modalidade**, de **diátese** e de **aspecto**.

O segundo ponto que gostaríamos de realçar diz respeito às hipóteses que foram sendo levantadas ao longo de nossas análises: a discretização que desvincula os marcadores estudados da noção de mudança; a possibilidade de diferenciarmos *ponerse viejo* e *hacerse viejo* a partir da categoria da modalidade e a relação dos marcadores com a fronteira do domínio nocional.

Com relação à discretização dos enunciados com *hacerse* e *ponerse*, discutida no capítulo 2, podemos afirmar que as questões de diátese aparecem muito vinculadas ao funcionamento desses marcadores como verbos plenos e suporte. Além disso, podemos observar que marcas de agentividade, passividade, interioridade e exterioridade participam de forma significativa na construção de ocorrências.

Sobre nossa segunda hipótese, apresentada no capítulo 3, podemos dizer que as questões de modalidade assertiva e apreciativa parecem ter um papel importante na determinação do emprego de um ou outro marcador nos enunciados com *hacerse viejo* e *ponerse viejo*; por tratar-se de um preconstruído, a semântica parece não dar conta do discernimento entre as duas possíveis ocorrências.

Sobre a questão da fronteira do domínio nocional, um conceito caro à Teoria das Operações Enunciativas com a qual trabalhamos nesta dissertação, mais precisamente em nosso segundo capítulo, podemos dizer que o movimento de entrada na noção e a presença de uma meta (um ponto do domínio nocional em direção ao qual se dá/ acontece/ tem lugar

esse movimento) são os dois itens que identificamos como possíveis definidores da configuração esquemática de *ponerse* e *hacerse*.

O terceiro ponto que consideramos relevante em nosso trabalho tem a ver com a percepção de que a Teoria das Operações Enunciativas realmente permite fazer um trabalho diferenciado que mostra a complexidade dos elementos envolvidos nos enunciados com tais marcadores, possibilitando uma aproximação de uma maneira nova, produtiva e esclarecedora de descrever os funcionamentos desses verbos. É nesse sentido que pensamos que o presente estudo pode servir de subsídio para estudiosos que se dedicam ao âmbito didático do ensino de ELE e que de alguma forma pode contribuir para a elaboração de aplicações a esse âmbito. Essa nossa expectativa, parece-nos plausível, uma vez que este trabalho de pesquisa teve uma boa dose de motivação didática, como vimos na Introdução e na análise da propaganda apresentada em nosso primeiro capítulo. Também não descartamos a possibilidade que esta pesquisa possa favorecer estudos na área de tradução e do ensino de tradução.

Parece-nos bastante válido lembrar aqui o quadro síntese que apresentamos no item 3 do capítulo 1, para contrastá-lo com os resultados de nossa análise:

Ponerse	<ul style="list-style-type: none"> • Mudança momentânea • Mudança involuntária • Mudança reversível • Mudança abrupta ou repentina
Hacerse	<ul style="list-style-type: none"> • Mudança duradoura • Mudança voluntária • Mudança menos reversível • Mudança gradual ou processual

Podemos notar que todas as questões apresentadas pelos instrumentos lingüísticos consultado para a formulação do quadro acima, são abordadas também pela Teoria; no entanto, há um avanço significativo em nossa análise no sentido de considerarmos simultaneamente todos os elementos que participam dos funcionamentos de *ponerse* e *hacerse*. Na Teoria das Operações Enunciativas, não trabalhamos com categorias isoladas, mas com a complementaridade delas. Além disso, as questões modais, que não aparecem em estudos anteriores sobre tais marcadores, mostraram-se importantes na diferenciação de *ponerse viejo* e *hacerse viejo*. Sentimos, desta forma, que as categorias da diátese, da determinação, da modalidade e do aspecto, são realmente complementares e, por isso, não tendem a criar regras limitadas por inúmeras exceções.

Fazendo um balanço do percurso de trabalho que decidimos assumir, observamos que assumimos vários desafios e, portanto, corremos riscos que podem ter afetado a composição e escrita deste trabalho. Um deles diz respeito à apresentação dos conceitos à medida que a análise os requisitava; tarefa árdua fundamentalmente pelo caráter complementar e transcategorial existente entre os diversos conceitos da Teoria. O outro se refere à dificuldade de hierarquizar quais conceitos deveriam ser apresentados na introdução à teoria e como seria o melhor modo de torná-los claros e efetivos em cada momento do trabalho. Contudo, é preciso que digamos algo com relação ao impacto que o fato de lidar com a Teoria das Operações Enunciativas teve sobre nós, como sujeitos do conhecimento, e também sobre nossa relação com a linguagem e com a análise do funcionamento da(s) língua(s). Trata-se, então, de expressar aqui os efeitos do que avaliamos e sentimos como uma real experiência de pesquisa e, neste ponto, temos a capacidade de valorizar a plasticidade e flexibilidade que ela possibilita para abordar os fenômenos da linguagem, e de avaliar que essa soltura deixou suas marcas na elaboração do capítulo 2 e mais especialmente no capítulo 3, em que nos atrevemos a levantar hipóteses a partir das comparações que fomos elaborando ao longo da dissertação.

Nesse sentido, gostaríamos de reconhecer que nossa relação com essa teoria ainda precisa ser trabalhada, pois sentimos que sua complexidade e, ao mesmo tempo, a liberdade que dá para lidar com os enunciados requerem um bom domínio da mesma.

Por fim, numa espécie de balanço final, deixamos registrados os pontos relevantes que o desenvolvimento desta dissertação nos deixou para futuros estudos, e que, por várias questões referentes ao desenvolvimento da pesquisa, não foram trabalhados aqui. Em primeiro lugar, assumimos que não chegamos à forma esquemática de *hacerse* e de *ponerse*, apesar de termos dado alguns passos significativos nesta direção, em parte pela necessidade de uma maior quantidade e enunciados e manipulações, que revelassem de forma efetiva o variável e o invariável de seus funcionamentos; e também, pela necessidade de explorarmos mais a Teoria. Em outras palavras, é desejável o aprofundamento dos conceitos culiolianos, que neste trabalho aparecem de forma mais panorâmica, aliados à ampliação do *corpus* de análise, o que nos renderia novos dados tanto em termos de quantidade quanto de variedade de ocorrências.

Ainda continuando esse balanço final, sobre os *corpora* usados neste trabalho, gostaríamos de dizer que, embora, o *Corpus del Español* não nos trouxesse inconvenientes mostrou-se incompleto em termos de frequência e, por conseguinte, pouca variedade de enunciados com os marcadores que buscávamos. Este fato marca uma possível falha ou ponto fraco de nosso trabalho e nos prepara para assumir, em futuras pesquisas, uma

reflexão sobre o funcionamento dos *corpora*. A hibridez de nossos recortes se deveu, em parte, a essa falha; porém, também é preciso dizer, que tal hibridez se mostrou rica e produtiva porque implicou a capacidade de nos adaptar ao que demandava cada momento da análise; além disso, nos parece que sua heterogeneidade não chega a ser conflituosa em nossa pesquisa.

A imagem que deixa a menção de um “balanço” nos leva a outra imagem: a de que ficam aqui esboçadas as trilhas de novas incursões e percursos que gostaríamos de enfrentar com futuras pesquisas – o que implica que este final é, como sempre, também um início.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALARCOS LLORACH, Emilio. (1994) “Pasividad y atribución” en español, in: *Estudios de Gramática Funcional del Español*, Madrid, Gredos.
- ALMEIDA, João. (1973) *Introdução ao Estudo das Perífrases Verbais de infinitivo na Língua Portuguesa*. Tese de Doutorado da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – Unesp/Assis.
- AUROUX, Sylvain. (1992) *A revolução tecnológica da gramatização*, Campinas, Unicamp.
- BECHARA, Evanildo. (1992) *Moderna Gramática Portuguesa*, São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- BORBA, Francisco da Silva. (1991) *Dicionário Gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*, São Paulo, Unesp.
- CELADA, M.T. (2002) *O espanhol para o brasileiro: uma língua singularmente estrangeira*, Teses de doutorado em lingüística apresentada ao Instituto da linguagem da UNICAMP.
- _____. (2006) “Lenguas y discursos sobre las lenguas. Movimientos epilingüísticos y metalingüísticos”. Trabalho apresentado no: IV Congresso Brasileiro de Hispanistas, Rio de Janeiro, de 03 a 06 de setembro de 2006.
- CEREJA, W.R. e MAGALHÃES, T.C. (2002) *Português: Linguagens – 6ª. Série*, São Paulo, Atual.
- CORONADO GONZÁLEZ, M.L. (1996) *A Fondo*, Madrid, SGEL.
- CORONADO GONZÁLEZ, M.L., GARCÍA GONZÁLEZ, J. ZARZALEJOS ALONSO, A. R. (1998) *Materia Prima*, Madrid, SGEL.
- CORREA, Paulo A. P. (2006) “Diferencias cognoscitivas entre brasileños e hispanohablantes: la interlengua y las construcciones de cambio de estado”, Trabalho apresentado no: IV Congresso Brasileiro de Hispanistas, Rio de Janeiro, de 03 a 06 de setembro de 2006.
- CORREIA, Clara Nunes. (s/d) “Estabilidade e deformabilidade das formas lingüísticas”, in: *Revista Veredas*, v.12 (no prelo), Juiz de Fora, Universidade Federal de Juiz de Fora.
- CULIOLI, Antonie. (1999) *Pour une linguistique de l'énonciation – Domaine notionnel* T. 3, Paris, Ophrys.

- _____. (1990) "The concept of notional domain". In: *Pour une Linguistique de L'énonciation – Opérations et représentations* T.1, Paris, Ophrys.
- _____. (1985) *Notes du séminaire de D.E.A. 1983-1984*, Paris: Poitiers.
- _____. (1976) *Recherches en linguistique: Théorie des opérations énonciatives*. Paris, Paris VII, oct.
- CUNHA, Celso. e Cintra, Luis Felipe L. (1993) *Nova Gramática do português contemporâneo*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- DELBECQUE, Nicole. (2000) "Las cópulas *ser* y *estar*: categorización frente a *deixis*", in: *Revista Española de Lingüística Aplicada*, Asociación Española de Lingüística Aplicada, Volumen monográfico, pp. 239-279.
- DEMONTE e MASULLO. (1999) "La predicación: los complementos predicativos", in: Bosque, I. e Demonte, V. (Org.) *Gramática descriptiva de la lengua española*, tomo 2, Madrid: Espasa.
- DINIZ, Leandro Rodrigues Alves. (2008) *Mercado de línguas: a instrumentalização brasileira do português como língua estrangeira*, Dissertação de Mestrado, Unicamp/Campinas, SP.
- FANJUL, Adrián. (2005) *Gramática de Español paso a paso*, São Paulo: Moderna.
- FARACO e MOURA (1999) *Gramática*, São Paulo, Ática.
- FERNÁNDEZ LEBORANS, Ma. Jesús. (1999) "La predicación: las oraciones copulativas", in: Bosque, I. e Demonte, V. (Org.) *Gramática descriptiva de la lengua española*, tomo 2, Madrid, Espasa.
- GALLO, S.L. (1992) *Discurso da escrita e ensino*. Campinas: Editora da Unicamp.
- GUIMARÃES, E. (2005) *Semântica do acontecimento*, Campinas, Pontes.
- GÓMEZ TORREGO, Leonardo. (1988) *Perífrasis verbales – sintaxis, semántica y estilística*, Madrid, Arco Libros.
- LEECH, Geoffrey. (1974) *Semântica*, Madrid, Alianza.
- LLÁCER, Isabel et alii (1988) *Lengua española – COU*. El Puig (Valencia), Mistral.
- MAIA GONZÁLEZ, N. T. (1994) – *Cadê o pronome? – O gato comeu. Os pronomes pessoais na aquisição/aprendizagem do espanhol por*

- brasileiros adultos*. Tese de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo/FFLCH.
- NAVAZ RUIZ, Ricardo (1986) *Ser y estar: el sistema atributivo del español*. Salamanca: Colegio de España, 1ª. Edición: 1963.
- NEVES, Janete dos Santos Bessa. *Estudo semântico-enunciativo da modalidade em artigos de opinião* – Tese de Doutorado – Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Letras, 2006.
- NEVES, Maria Helena de Moura. (2000) *Gramática de usos do português*, São Paulo: Unesp.
- ORLANDI, E. P. (1983) *A linguagem e seu funcionamento. As formas do discurso*. São Paulo: Brasiliense.
- _____. (1996a) *Interpretação – Autoria, leitura e efeitos do trabalho Simbólico*, São Paulo: Vozes.
- _____. (1996b) “Ordem e organização na língua”. In: _____, *Interpretação. Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, p. 45-51.
- _____. (2002) A língua brasileira. In: *Língua e conhecimento lingüístico: para uma história das idéias no Brasil*. São Paulo: Cortez, p.21-32.
- PAYER, Onice. (2006) *Memória da língua. Imigração e nacionalidade*. São Paulo: Escuta.
- PAZ, Octavio. (1990) “Mi vida con la ola”. In: *¿Águila o sol?*, México, Fondo de Cultura Económica.
- PEDRETTI DE BOLÓN, Alma (1981) “Otros verbos copulativos en español”. In: *Logos Semantikos. Studia lingüística in honorem Eugenio Coseriu 1921-1981*, IV, Berlin/ Nueva York / Madrid: 299-306.
- POMBO, Marilene Senaris. (2002) *Verbos de Cambio: a subjetividade na (re)construção da realidade ou uma questão de ponto de vista*. Dissertação de mestrado, FFLCH/Letras/DLM.
- PORROCHE BALLESTEROS, Margarita. (1988) *Ser, estar e verbos de cambio*, Madrid, Arco Libros.
- REVUZ, Christine (1998) “A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio”. In: Signorini, I. (Org.) *Língua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*, Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp.

- RODRIGUES, F. dos Santos Castelano (2003) *Aprendendo língua estrangeira na terra da gramática. Relações entre sujeito, escola e aprendizado de espanhol para brasileiros*. Dissertação de Mestrado, FFLCH/USP.
- ROMERO LOPES, Marcia Cristina. "Teoria das operações enunciativas e o fenômeno do aspecto verbal", In: *Estudos Lingüísticos XXXIII*, 2004, p. 363-368.
- TRUJILLO, Ramón. (1988) *Introducción a la semántica española*, Madrid, Arco Libros.
- ZAVAGLIA, Adriana. (2002) *Da invariância da linguagem à variância das línguas: contribuição para a elaboração de uma teoria enunciativa da tradução como um caso particular de paráfrase*, Tese de Doutorado, Unesp/Araraquara.